# convergência

ABR - 1988 - ANO XXIII - Nº 211



- QUE O MUNDO INTEIRO RESSUSCITE COM CRISTO João Paulo PP II — página 131
- A INCULTURAÇÃO DA LITURGIA PARA UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO NA AL — Pe. Manoel João Francisco — pág. 155
- A ESPIRITUALIDADE DA IGREJA DOS POBRES Irmā Ivanise Bombonatto, FSP — página 167

### CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB



Diretor-Responsável: Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável: Padre Marcos de Lima, SDB

(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação: Pe. Atico Fassini, MS

Pe. Cleto Caliman, SDB Ir. Delir Brunelli, CF

Ir. Maria Carmelita de Freitas, Fl

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JA-NEIRO — RJ.

# Assinaturas para 1988

Brasil, taxa única:

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

### Nossa capa

Peça, engrenagem, força. Em outro patamar, a intenção fundamental: pessoa, comunidade, sociedade. É óbvio, não é obra de arte, arte retiniana, formas agradáveis aos olhos. É; sim e sobretudo, um jogo de idéias. O interesse está menos no produto visual; menos no seu aspecto decorativo; mais na leitura da imagem, do signo-símbolo. Ser o que se é — pessoa — ou ser meramente peça na engrenagem do sistema? Toda vida verdadeira é encontro. Na relação interpessoal se desenvolve a personalidade e se adquire a identidade. Como, então, experimentar-se,

de maneira característica, uma individualidade precisa e não individualista? Como ser comunidade sem despessoalizar-se ou despersonificar-se? Afirmar e respeitar os valores do grupo como pluralidade psicológica ou as suas exigências de unidade sociológica, matriz de padronização institucional? Pessoas em comunidade, sempre fonte de tensões. O grupo é realidade conflitiva. Não se pode desconhecer o realismo das diferenças. E, no entanto, individualidade sem o sentido de pertença ao grupo não amadurece vocacionalmente. Comunidade sem o sentido de individuação é tentativa equívoca de sentir-se pessoa. Na busca de um ajustamento dinâmico para esta dialética existencial, CONVERGENCIA ajuda a evitar a emergência de excessos, a desabrochar experiências amadurecedoras, a evoluir, pouco a pouco, para uma situação de discernimento e de autonomia consubstanciadas pela fé. Só a fé combina este dualismo aparentemente contraditório: Pessoa e Comunidade, sublinhando a certeza de uma crescente integração. A nossa vocação é de comum união com JE-SUS CRISTO, a dimensão personalizante e comunitária de nosso futuro (1 Cor 1, 9). Nesta perspectiva, mensalmente, Convergência quer lhe dizer: hoje já é o ensaio da realidade do amanhã (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

# SUMÁRIO

129
131
134
143
155
Company Voc
167
9.
176

# EDITORIAL

# PÁSCOA! FELIZ PÁSCOA!

. . .

A Liturgia, em seu jogo cênico de celebração da gesta de Deus na história dos homens, mais uma vez nos leva a imergir no coração de seu projeto salvífico: CRISTO RESSUSCITOU!

Ele, que nasceu da Virgem Maria. Padeceu sob Pôncio Pilatos. Foi crucificado, morto e sepultado. Mas ressuscitou ao terceiro dia! Foi entronizado na glória junto ao Pai, donde virá a julgar a história na plenitude dos tempos.

O CREDO cristão é objetivo, direto. Por ele o Mistério é afirmado em sua profunda simplicidade. Em sua mais concreta historicidade.

O Deus cristão, que assim cremos e amamos, é o Deus de nossos pais, dos ancestrais Abraão, Isaac e Jacó. Dos profetas. De José. De Maria que, por benignidade do Pai, viabilizou a encarnação do Filho feito DEUS CO-NOSCO. Ele viveu e andou pela Palestina. Pregou o Reino. Dele deu testemunho. Fez-se Luz, Caminho e Vida para todos que acolheram sua Palavra e Projeto. Deu preferência aos pobres e injustiçados, os prediletos do Pai. Foi incômodo para alguns de seus contemporâneos que o levaram à morte. Deus porém, os derrubou do trono do orgulho deles, e de sua prepotência. Disso a história dá testemunho.

E exaltou na glória Aquele que, dando a Vida, dignificou tudo que a simboliza e lhe dá guarida.

Ressuscitado, o Cristo, hoje como ontem e amanhã, anda pelos contornos do coração dos homens, pelas travessas da história, pelos caminhos da humanidade, para tudo transformar segundo o beneplácito de sua livre
vontade. Beneplácito de salvação e libertação de tudo que
oprime, desdignifica e mata o
homem e com ele o Projeto de
Deus.

O DEUS CONOSCO em Jesus de Nazaré pelos caminhos da Palestina, o DEUS CONOSCO no Cristo Jesus pelos caminhos da história, nada tem a ver com o arcano intemporal pagão, que idolatra o poder e o prazer, que nada transforma e tudo justifica. Não! O DEUS CONOSCO do Natal na gruta de Belém é o mesmo DEUS CONOSCO da Ressurreição no Calvário de Jerusalém. É o mesmo que vive naqueles que se fazem discípulos seus, e morre naqueles que rejeitam o irmão e a Deus. Mas ressuscita sempre naqueles que se convertem e crêem na Boa Nova, transformando a própria vida e a do mundo pela força do Evangelho do Reino.

A recente Campanha da Fraternidade, voltada para a problemática vivida pelo povo negro em nossa terra, clamou fortemente por Ressurreição na eliminação

# EDITORIAL

# PÁSCOA! FELIZ PÁSCOA!

. . .

A Liturgia, em seu jogo cênico de celebração da gesta de Deus na história dos homens, mais uma vez nos leva a imergir no coração de seu projeto salvífico: CRISTO RESSUSCITOU!

Ele, que nasceu da Virgem Maria. Padeceu sob Pôncio Pilatos. Foi crucificado, morto e sepultado. Mas ressuscitou ao terceiro dia! Foi entronizado na glória junto ao Pai, donde virá a julgar a história na plenitude dos tempos.

O CREDO cristão é objetivo, direto. Por ele o Mistério é afirmado em sua profunda simplicidade. Em sua mais concreta historicidade.

O Deus cristão, que assim cremos e amamos, é o Deus de nossos pais, dos ancestrais Abraão, Isaac e Jacó. Dos profetas. De José. De Maria que, por benignidade do Pai, viabilizou a encarnação do Filho feito DEUS CO-NOSCO. Ele viveu e andou pela Palestina. Pregou o Reino. Dele deu testemunho. Fez-se Luz, Caminho e Vida para todos que acolheram sua Palavra e Projeto. Deu preferência aos pobres e injustiçados, os prediletos do Pai. Foi incômodo para alguns de seus contemporâneos que o levaram à morte. Deus porém, os derrubou do trono do orgulho deles, e de sua prepotência. Disso a história dá testemunho.

E exaltou na glória Aquele que, dando a Vida, dignificou tudo que a simboliza e lhe dá guarida.

Ressuscitado, o Cristo, hoje como ontem e amanhã, anda pelos contornos do coração dos homens, pelas travessas da história, pelos caminhos da humanidade, para tudo transformar segundo o beneplácito de sua livre
vontade. Beneplácito de salvação e libertação de tudo que
oprime, desdignifica e mata o
homem e com ele o Projeto de
Deus.

O DEUS CONOSCO em Jesus de Nazaré pelos caminhos da Palestina, o DEUS CONOSCO no Cristo Jesus pelos caminhos da história, nada tem a ver com o arcano intemporal pagão, que idolatra o poder e o prazer, que nada transforma e tudo justifica. Não! O DEUS CONOSCO do Natal na gruta de Belém é o mesmo DEUS CONOSCO da Ressurreição no Calvário de Jerusalém. É o mesmo que vive naqueles que se fazem discípulos seus, e morre naqueles que rejeitam o irmão e a Deus. Mas ressuscita sempre naqueles que se convertem e crêem na Boa Nova, transformando a própria vida e a do mundo pela força do Evangelho do Reino.

A recente Campanha da Fraternidade, voltada para a problemática vivida pelo povo negro em nossa terra, clamou fortemente por Ressurreição na eliminação de toda discriminação e injustiça que geram morte em nosso meio.

Igualmente o V Centenário da Evangelização da América Latina nos leva a abrir os olhos para a realidade que nos circunda. O Ressuscitado é o DEUS CONOS-CO aqui também. Nem sempre O percebemos, como os Discípulos de Emaús. Mas está conosco, densamente presente. Encarnando-se. Sofrendo. Morrendo e ressuscitando. Desvela sua presença no rosto dos que não contam. No rosto dos indígenas, dos negros, do menor abandonado, da mulher marginalizada, do pobre... Ali tem encontro marcado com quem se dispõe a descobri-Lo. A Sexta-feira Santa se prolonga nessas terras à espera do Terceiro Dia, o Dia Pascal que deve florescer em "homens novos", em "novas estruturas", num "mundo novo" nesse Novo Mundo, com a força do Espírito que tudo transforma.

O V Centenário está nos exigindo uma "Nova Evangelização" (JOÃO PAULO II) com força pascal. Dela os Religiosos, "peritos em vida evangélica" (JOÃO PAULO II), são convocados a participar, para que a Vida Nova ressuscite nossos povos, cumulando com os bens do Reino as multidões famintas de pão e sedentas de justiça.

Como os Discípulos de Emaús que reconheceram o Mestre Ressuscitado na Fração do Pão, e voltaram logo a Jerusalém para anunciar a Boa Nova, os Religiosos pressurosamente retornação a seu povo para lhe dizer uma palavra de esperança e de vida numa Nova Evangelização.

lrmã e irmão, seja esta a sua e feliz Páscoa!

CONVERGÊNCIA, com alegria pascal, lhes apresenta:

- "A Nova Evangelização como Nova Páscoa para a América Latina em busca de libertação", de Pe. NICOLAU MASI, SX.
- "A inculturação da Liturgia para uma Nova Evangelização na América Latina", de Pe. MANOEL JOÃO FRANCISCO.
- "A espiritualidade da Igreja dos pobres", de Irmã IVANISE BOMBONATTO, FSP.
- "A evangelização dos povos indígenas: acenos históricos e desafios atuais", de Pe. PAULO SUESS.

FELIZ PÁSCOA!

Pe. Atico Fassini, MS

O Concílio Vaticano II não é um balanço de uma aventura terminada, mas o inventário dos aspectos emergentes de uma aventura que prossegue, que está em aberto. Como disse Dom Ivo Lorscheiter: o Concílio é Lumen, isto é, LUZ e não Limen, ou seja, LIMITE.

# QUE O MUNDO INTEIRO RESSUSCITE COM CRISTO

# João Paulo PP II

Roma, Itália

1. "Aspirai às coisas do alto" (Col 3,1).

É a solenidade da Ressurreição do Senhor. Fala o Apóstolo Paulo, ele que fez experiência, de modo muito particular, do poder do Ressuscitado:

"Uma vez que ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do alto... interessai-vos pelas coisas do alto, não pelas coisas terrenas... a vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Col 3, 1-3).

2. A mensagem pascal é testemunho.

Dão esse testemunho aqueles que encontraram o sepulcro vazio; aqueles que experimentaram a presença do Ressuscitado. "O que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e tocamos com as nossas mãos" (1 Jo 1, 1) (como as mãos de Tomé, o incrédulo), "nós anunciamo-lo... a vós (1 Jo 1,3).

Mensagem proferida na Páscoa de 1986 (in l'OSSERVATORE ROMANO de 6 de abril de 1986 p. 1). "Porque a Vida apareceu, e nós a vimos" (1 Jo 1,2). Tornou-se visivel, quando tudo já parecia estar mergulhado na escuridão da morte. Quando já tinham arrastado uma grande pedra para diante do sepulcro e lhe tinham aplicado os sigilos, então, precisamente, a Vida tornou-se novamente visível!

- 3. A mensagem pascal é um tesmunho e constitui um desafio. Cristo, que veio ao mundo por nós e por nós sofreu a morte de cruz, restituiu-nos a Vida mediante esta morte: a nossa vida está doravante escondida com Cristo em Deus (cf. Col 3,3).
- 4. "Este é o dia que o Senhor fez" (Sl 118/117, 24). Este dia persiste em confirmar, de maneira sempre renovada para nós, esta verdade: Deus "não se resigna" com a morte do homem. Cristo veio ao mundo para o convencer disto. Cristo morreu na cruz e foi deposto no sepulcro, para dar testemunho precisamente deste fato: Deus "não se resigna" com a morte do homem! Com efeito, Ele "não é Deus dos mortos, mas dos vivos" (Mt 22, 32). Em Cristo foi lançado à morte um desafio. Cristo, com a sua morte, venceu a morte. Eis é o

Dia que o Senhor fez... Este dia é o dia do grande desforço de Deus o dia da desforra contra a morte.

5. Resignar-se-á o homem à morte?

Ou, pelo contrário, estará ele disposto a participar da grande desforra de Deus?

O homem resigna-se à morte, quando aspira apenas às coisas da terra, quando procura apenas essas coisas.

A terra, simplesmente, não encerra em si o "fermento" da imortalidade.

Sim. O homem, infelizmente, resigna-se com a morte; não só a aceita, como também a inflige. Os homens continuamente infligem a morte aos outros homens, a homens muitas vezes desconhecidos, a homens inocentes, aos homens que ainda não nasceram. O homem não apenas se resigna à morte, mas fez dela, não raro, o método da sua subsistência sobre a terra: Não são porventura métodos de morte o método da violência, o método da conquista cruenta do poder, o método da acumulação egoística da riqueza, o método da luta contra a miséria que se alimenta no ódio e na sede de vingança, o método da intimidação e da afronta, o método da tortura e do terror? E todavia o homem, embora se resigne à morte, tem um medo atroz da mesma morte.

6. Estará o homem de hoje disposto a tornar-se participante da grande desforra de Deus contra a morte? Apresenta-se-lhe um desafio, entre todos o mais premente e envolvente: o grande desafio da paz.

Escolher a paz significa escolher a vida.

Construir a paz significa participar, com coragem e com responsabilidade, na obra de Deus dos vivos.

Deus chama o homem para que se oponha à morte onde quer que ela se apresenta nos dias de hoje, do modo mais patente, como fruto do egoísmo, da divisão, da violência: nas regiões ensangüentadas por guerrilhas e por conflitos, ou então onde surgem tentações de terrorismo e de represálias, nas nações em que a dignidade da pessoa, os seus direitos, e as suas liberdades são conculcados.

Neste Ano Internacional da Paz, houve por bem convidar os homens de todas as convições religiosas, todos os homens de boa vontade, para um encontro especial de oração pela paz, na cidade de Assis. Será uma boa ocasião para reafirmar, diante do homem amedrontado pelas ameaças de morte, o nosso empenho pela vitória da vida.

É a vitória de Cristo Ressuscitado.

7. Mas estará o homem de hoje disposto a tornar-se participante da Ressurreição de Cristo?

Estará ele disposto a redescobrir o desafio da imortalidade escondido na sua substância espiritual?

Estará disposto a ressuscitar dos mortos juntamente com Cristo?

Estará disposto a morrer, juntamente com Cristo para o pecado, a fim de ressuscitar juntamente com Ele para a Vida?

Estará disposto (como diz o Apóstolo) a pensar "nas coisas do alto", e não apenas "nas coisas da terra"?

8. Este é o dia que o Senhor fez para nós!

O dia de um grande testemunho e de um grande desafio. O dia da grande resposta de Deus às interrogações incessantes do homem. Interrogações acerca do próprio homem, da sua origem e do seu destino, acerca do sentido e das dimensões da sua existência.

Este é o dia que o Senhor fez para nós.

"Cristo, nossa Páscoa, foi imolado" (1 Cor 5, 7).

Páscoa, isto é, Passagem: Passagem de Deus através da história do homem. Passagem através de "inelutabilidade" da morte humana, que, desde o início e até ao fim, é a porta para a Eternidade. Passagem através da história do pecado humano que é a morte do homem para o Coração de Deus: Passagem para a Vida em Deus.

Estamos nós dispostos a ressuscitar constantemente dos mortos para esta Vida que é algo "escondido com Cristo em Deus"?

Ela é também a "nossa" vida!

Estamos nós dispostos a buscar a plenitude da "nossa" vida em Cristo Crucificado e Ressuscitado? 9. Cristo ressuscitou num momento determinado da história, mas espera ainda ressuscitar na história de inumeráveis homens, na história de cada um singularmente e na história dos povos.

Trata-se de uma ressurreição que pressupõe a cooperação do homem, de todos os homens. Mas é ressurreição na qual se manifesta sempre um borbotão daquela Vida que irrompeu do sepulcro, numa manhã de Páscoa, de há muitos séculos atrás.

Onde quer que um coração, superando o egoísmo, a violência, o ódio, num gesto de amor, se debruce sobre quem se encontra na necessidade, aí, ainda hoje, Cristo ressuscita.

Onde quer que no empenho operoso pela justiça surja uma decisão verdadeira em favor da paz, aí a morte retrocede e afirma-se a vida de Cristo.

Onde quer que morra alguém que viveu acreditando, amando e sofrendo, aí a ressurreição de Cristo celebra a sua vitória definitiva.

10. A última palavra de Deus sobre as vicissitudes humanas não é a morte, mas a vida; não é o desespero, mas a esperança. É para esta esperança que a Igreja convida também os homens de hoje. E repete-lhes o anúncio assombroso e, contudo, verdadeiro: Cristo ressuscitou!

Que o mundo inteiro ressuscite com Ele! Aleluia!

# INFORME

# CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

### CERNE XXXVI

Foi realizado em São Leopoldo, RS, no Centro de Espiritualidade Cristo Rei (CECREI), pertencente aos Padres da Companhia de Jesus.

A casa apresenta todas as condições para bem atender às necessidades e objetivos de um evento de tal envergadura e duração. Sua localização é excelente! Em lugar aprazível e silencioso, com bom serviço e atendimento em todas as áreas, espaço físico externo grande e bem cuidado, com jardins floridos, bosques acolhedores, lago refrescante e piscoso.

A sessão teve início dia 21 de setembro de 1987 e contou com a presença de Ir. Arlindo Corrent, presidente da CRB de Porto Alegre. Encerrou-se na Celebração Eucarística da manhã de 6 de novembro, quando Ir. Arlindo entregou o certificado aos 57 religiosos que participaram desse acontecimento de grande alcance espiritual.

Eram 47 mulheres consagradas e 10 homens, sendo 8 sacerdotes e 2 irmãos maristas. Todos formaram um grupo alegre, responsável e unido. Estavam representadas 42 congregações. O testemunho dessas famílias religiosas, convivendo como se fossem uma só família, foi uma enorme riqueza. A apresen-

tação dos seus carismas, bem como seus objetivos e atuais desafios, foram oportunidades para uma forma de fortalecer os laços de amizade e os compromissos eclesiais.

Com exceção do professor de Formação da Consciência Crítica, todos os demais, bem como os orientadores espirituais e os orientadores de retiro, foram providenciados pela Regional. Pessoas experientes, disponíveis, acolhedoras, abertas à escuta, serenas e seguras deram uma colaboração eficiente a todos os cernistas.

A comunicação que ex-cernistas mantêm com o grupo é fato digno de registro. Cartas, cartões e visitas anima os participantes na sua caminhada pessoal e grupal.

Recreios comunitários semanals, comemorações dos aniversariantes e o passeio a Gramado e Canela, cidades turísticas da região serrana, foram momentos de alegria e descontração sempre animados pelos músicos que formavam uma pequena "banda".

O jubileu de prata de uma cernista camiliana, bem como todos os momentos diários de oração, celebração e partilha, além do deserto e o retiro final, fortaleceram a fé e despertaram mais o entusiasmo vocacional dos religiosos desse Cerne, em terras gaúchas.

Aumentam dia-a-dia os pedidos para se aproveitar dessa graça. Em geral, mais da metade dos inscritos ficam sem poder participar das sessões programadas pela CRB Nacional.

Feliz de quem se predispõe a atender os apelos do Senhor!

Cabe-nos louvar e agradecer as maravilhas que acontecem nos corações dos religiosos que mais uma vez renovam seu primitivo fervor e seu entusiasmo pela causa de Jesus Cristo.

Que Maria, a Mão e Medianeira, abençoe seus filhos que fizeram essa experiência durante o Cerne que aconteceu no Estado de seu Santuário-basílica!

Ir. Maria de Lurdes Gascho, CF
Diretora do CERNE
Ir. Jorge Moreira Ribas, FMS
Diretor do CERNE

# CELEBRANDO MAIS UM CETESP

No dia 16 de dezembro de 1987, numa Ação Eucarística de ENVIO, 50 religiosos e religiosas de todos os recantos do país, incluindo três de países latinoamericanos, celebravam os quatro meses e meio de Curso, na escola paciente da convivência e partilha de vidas. Irmão Claudino, Presidente da CRB, acompanhado de mais três secretárias executivas, fez-se presente a este momento solene, e logo após a Eucaristia, ao entregar os Certificados de Conclusão a todos os participantes, fez questão de recordar o objetivo do CETESP, certamente bem assumido pelo atual grupo que se despedia.

Nós da Coordenação, podemos testemunhar de forma ainda generalizada, que os participantes do XXII CETESP buscaram sinceramente e com muita seriedade atingir o objetivo proposto: uma esmerada preparação pessoal, teológica e espiritual, como outros "multiplicadores" da renovação da Vida Religiosa nas Congregações ou fora delas pelas Regionais da CRB.

Em particular, pelo bom andamento, encaminhamento e compreensão de nossas propostas e também pelas respostas que imediatamente eram dadas, pudemos ir formando com os participantes, mais do que um grupo interessado em Curso Teórico, uma grande comunidade que experienciava na oração e vivência partilhada, sempre mais, o valor da amizade que leva à fraternidade.

Isso quer dizer que tivemos um grupo não apático e avesso às matérias que compõem e configuram a estrutura teórica do CETESP. Pelo contrário, pareceu-nos que na relativização do teórico, a busca também dos conteúdos pôde ser mais integrada às vivências da experiência do quotidiano, adquiridas antes e mesmo durante o CETESP. Daí, muito espontaneamente terem se constituído em grupos por interesses para estudos, reflexão e partilha das matérias. Alguns destes, pouco a pouco foram se transformando em Grupos para o Trabalho final, ainda exigido como síntese de uma experiência de vida.

Uma palavrinha, quanto a esse Trabalho. Aquela nota característica de colaboração mútua, foi muito bem percebida na apresentação do mesmo, feita
a todos os participantes pelos grupos.
Aliás, devemos esclarecer que esta novidade da apresentação expositiva dos
Trabalhos de fim de Curso, foi muito
bem acolhida e aproveitada por todos;
tanto que muitos se interessaram em
obter cópias dos trabalhos dos colegas.

Não podemos deixar de marcar, no final destas linhas, a presença de todos aqueles que colaboraram conosco para o bom resultado de mais este CETESP. As dedicadas Irmãs do Assunção que abrem de par em par sua Casa, aqui no Rio, já há vários anos, para os nossos Cursos, e às Irmãs de Santa Catarina, de Petrópolis, que nos hospedaram nos 10 dias de Retiro e Síntese final, nossos agradecimentos mui fraternalmente reconhecidos. Renovamos a cada professor e Orientador espiritual e em nosso nome, aquilo que os mesmos Cetepistas lhes disseram ao final de cada matéria e do Retiro: somos-lhes imensamente gratos pelo bem que continuam realizando para a renovação da Vida Religiosa.

Sentimo-nos gratificados e mui felizes em devolver às diversas Provincias, regiões, e portanto ao povo carente de Deus, mais estes nossos irmãos e amigos. Na certa, eles vão um pouco diferentes, mais confiados em sí mesmos e na ação de Deus, redescoberta mais intensamente nestes meses e com muita vontade de colocar em prática o que aqui, neste tempo oportuno de CONVERSÃO, puderam "ouvir, ver, contemplar e tocar do VERBO da Vida" (I Jo 1,1). E desejamos que isso realmente aconteça, na novidade das tarefas da MISSÃO!

Ir. Maria Eunice de Oliveira, CFSS Pe. Paulo Lisbôa, SJ

# DESAGRAVO À CNBB E A DOM LUCIANO MENDES DE ALMEIDA

O JORNAL DO BRASIL, do dia 16 de dezembro de 1987, publicou alguns tó-

picos de afirmações caluniosas e ofensivas que o Deputado Constituinte AMA-RAL NETO, Líder do PDS na Câmara Federal, proferiu contra a CNBB, Dom Luciano, seu Presidente, e outros Bispos de nossa Igreja no Brasil.

Diante dessa ocorrência, a CRB Nacional, por intermédio de seu Presidente, Irmão CLAUDINO FALQUETTO, FMS, protestou energicamente, repudiando tais e tão absurdas e grosseiras declarações.

Nesse mesmo dia 16 de dezembro foram despachados dois telegramas que CONVERGÊNCIA faz questão de levar a público. Assinados pelo Presidente Nacional da CRB, os telegramas têm o seguinte teor:

19) Deputado AMARAL NETO, Líder do PDS. Câmara dos Deputados — BRASÍLIA, DF:

"Em nome de 50 mil religiosos do Brasil protesto veementemente contra descabidas e injustas declarações feitas pessoa de Dom Luciano".

2º) Dom LUCIANO DE ALMEIDA, Presidente da CNBB. BRASÍLIA, DF:

"Solidários repudiamos descabidas e injustas acusações Deputado Amaral Neto contra sua pessoa e CNBB".

Ansiosos, os Religiosos do Brasil imploram a Deus que nunca desfaleça o
vigor evangélico de nossos Pastores, e
que à mente e coração de nossos Constituintes não falte luz e bom senso para
perceber o clamor do nosso povo, no
respeito à dignidade e à justiça.

Pe. Atico Fassini, MS
Assessor da Diretoria

# AFONSO DE LIGUORI E A VIDA RELIGIOSA

# Pe. Luís Kirchner, CSSR

A Congregação do Santíssimo Redentor (i.e. Padres Redentoristas) está celebrando o bicentenário da morte de seu fundador, Santo Afonso, Doutor da Igreja (1787). Pelo fato de que os Redentoristas têm ajudado tanto a V.R. no Brasil, a celebração desse bicentenário vai além de uma festa familiar.

Afonso é conhecido entre os moralistas por sua contribuição à teoria moral. O Papa João Paulo II cita As Glórias de Maria no rodapé da "Redemptoris Mater". Qual o italiano que não sabe cantar Tu Scendi Dalle Stelle?

Foi grande comunicador, com mais de 110 lívros, 17.000 edições em mais de 60 línguas. E qual o cristão que não faz Visitas ao Santíssimo, devoção popularizada por Afonso? Sua atuação na V.R. é incontestável. Fundador de uma congregação, orientador de várias, sua mensagem ainda tem seu valor para nós até hoje.

Sua espiritualidade cristocêntrica definiu e esclareceu uma posição central que não fol tão clara na sua época:

"A Santidade consiste em amar Jesus Cristo. Algumas pessoas, diz Francisco de Sales, pensam que a perfeição está numa vida austera; outras dizem que é uma vida de oração; outras, frequentar os Sacramentos; outras ainda, realizar boas obras. Mas todas se iludiam. Perfeição consiste em amar a Deus com todo o nosso coração... Santo Agostinho disse: Ame a Deus e faça o que quiser!"

Afonso, que passou toda a sua vida entre livros e foi um grande intelectual, cita as palavras de São Denis: — "O Amor divino consiste nos afetos do coração muito mais do que no saber do conhecimento". Liguori foi um grande apaixonado por Cristo e detestou o laxismo no religioso.

Escolhemos alguns pontos que representam uma parte de seu pensamento.

 MEDITAÇÃO — Liguori realizou tantas obras e atividades, mas passou horas e horas por dia em oração. Caso típico dos grandes santos, como Bernardo, Antônio, Tereza d'Avila, Leão Magno, etc. Talvez realizemos tão pouco porque não rezamos muito.

Lembremo-nos dos 3 pontos para terminar uma meditação, que todos sabemos mas pouco pomos em prática: a) Agradecer a Deus pelas luzes recebidas. b) Fazer uma proposta para concretizar aquilo que meditamos. c) Pedir de Deus a graça de ser fiel às nossas resoluções.

- 2) "DISTACCO" É uma palavra que não se traduz facilmente numa só frase. É uma renúncia libertadora pela qual, sacrificando certas coisas, a pessoa se torna mais livre para Cristo e o Reino. Afonso pregou que o religioso não poderia perder nem vender sua liberdade por uma tijela de cozido de lentilhas (cf. Gen 25/34). Será que enchemos nossas vidas com futilidades e passa-tempos, traindo nossa herança? Buscamos um Cristo sem sua cruz?
- 3) POBREZA Fala-se muito sobre a Opção pelos Pobres. E nosso estilo pessoal de vida? Afonso oferece 4 graus na prática e vivência da pobreza. a) Não possuir nenhum objeto como se fosse seu. b) Livrar-se do supérfluo.

- c) Não reclamar quando sentir falta das coisas materiais, até das básicas. Uma doença revela o estado real de cada religioso. d) Não apenas agüentar a pobreza, mas escolher e procurar o mais pobre: o pior quarto ou cama, a comida menos desejável ou o trabalho mais difícil.
- 4) CARIDADE FRATERNA Afonso cita Maria Madalena de Pazzi: "Nunca diga, na ausência de alguém, o que você não diria na sua presença". Ou: "Perdoe a intenção se você não puder perdoar o ato" (São Bernardo). Como o médico que ama seu paciente, mas detesta a doença, o bom religioso aceita e ama seu colega embora não goste de suas faltas.

Com sua pena, Afonso tratou de tantos assuntos: fidelidade à Igreja e ao Papa, Eucaristia, vida sacerdotal, devoção a Maria, teologia moral e ascética, a espiritualidade do leigo. Dirigiu uma congregação e foi bispo. Foi pregador popular que mudou de lugar social para ser servidor dos pobres. Escritor, poeta, músico, advogado.

Mas o que ele mais quis na vida foi viver na sua querida congregação. Fez voto de perseverança de nunca deixála. Sua maior agonia foi ser expulso dela pelo papa que tanto defendeu. Ele valorizava muita a V.R. Incentivou muitos, até hoje, a imitar seu exemplo como religioso.

# CONGREGAÇÃO BRASILEIRA NO HAITI

A Congregação das Irmás do Imaculado Coração de Maria, fundada no Brasil, tem, aproximadamente, 1.200 membros. Tem sua Sede em Porto Alegre (RS) e sua atual Diretora Geral é a Irmã ADYLLES ROSSATO.

A pedido de Dom Willy Romélus, Bispo de Jérémie — uma das Dioceses mais pobres e necessitadas do Haiti — a Congregação se dispôs a assumir uma nova frente missionária naquele País. Assim, desde o dia 27.06.1987, as Irmãs: ALICE MARIA PELLIZZARO, DAVINA DA PAZ CARDOSO e SANTINA PERIN lá se encontram para a nova missão. Vale a pena saber um pouco da vida daquele povo. Seguem alguns "flashes" de suas primeiras notícias:

"... Estamos sendo introduzidas gradativamente na realidade. Ficamos três dias em Porto Príncipe. Lá vimos aquilo que nunca pensamos - o mercado dos pobres: um formigueiro de pessoas, vendendo e comprando sob o sol causticante - tudo no chão: algumas bananas, já passadas, pedacinhos de sabão; outros, com frutas, roupas... ao lado de um lodo de mau cheiro. O povo não sai de lá. Até uma parte da noite, ficam uns membros da família cuidando, vendendo... depois, voltam os que estavam na miserável cabana. Assim, há gente indo e vindo durante o dia e a noite, sempre, sempre...

"Nosso Bispo é o PROFETA que reza muito. Todos os dias, juntamente com mais ou menos 100 pessoas, na capela do bispado, ele faz dois momentos de oração: uma hora e meia a duas, pela manhã e duas horas à tarde, com bênção do Santíssimo. Nunca vimos um homem rezar tanto, é o 1º que chega na capela, bem cedo, e o povo vem chegando, enche a capela. Não dá para contar é só ver. Nunca vimos tanta participação, tanta fé, tanta súplica em favor do País. Este nosso Bispo tem feito várias manifestações pelo rádio,

desde que aqui chegamos. Sempre pedindo que o Governo olhe para o povo, pense na vida do Haiti e pede ao povo que reze, que se organize, mas que o faça sempre SEM VIOLÊNCIA... As rádios, a toda hora, fazem referência às palavras de Dom Willy Romélus. Ele fala, o País pára para escutar...

"A todos quantos lerem esta nossa carta queremos dizer: Deus, realmente, caminha com seu povo. Nunca imaginamos ver tamanha fé, coragem e resistência! Nós estamos bem, a caminho da adaptação e, aos poucos, aprendendo como viver o Evangelho em meio a um povo tão sofrido e de costumes e cultura tão diferentes da nossa. Estamos nos adaptando lentamente, com calma e paciência...

"Pedimos que continuem rezando por nós. Aliás, estamos sentindo o apoio, a força da oração de todos. O pensamento do desânimo não chegou a nós, não dá para pensar nas nossas dificuldades diante daquelas por que o povo passa. Ajudem-nos a rezar para que possamos fazer o que Deus quer..."

Nosso abraço, queridas Irmãs Alice Maria, Davina e Santina. Contem com a amizade e a oração dos religiosos do RS.

> Secretaria da CRB Regional Porto Alegre, RS

# A IGREJA E A QUESTÃO INDÍGENA NA CONSTITUINTE

Alguns pontos para a reflexão sobre a campanha contra a Igreja Católica no Brasil:

- 1. Na 24ª Assembléia Geral da CNBB, os Senhores Bispos, ao redigirem a declaração pastoral "Por Uma Nova Ordem Constitucional", incluíram como exigências concretas relativas à ordem social:
- 81. Dada a existência de povos indígenas no Brasil, secularmente submetidos a todo tipo de espoliação, é necessário que a Constituição reconheça
  a pluralidade étnica da sociedade brasileira, garantindo a auto-determinação
  desses povos, respeitando-lhes a cultura e acolhendo suas organizações tribais, como povos minoritários dentro
  da sociedade brasileira.
- 82. Para a sobrevivência destes povos e a preservação de sua cultura, a
  Constituição deverá garantir-ihes o domínio e a posse coletiva inalienável e
  exclusiva das áreas por eles habitadas,
  com usufruto de todas as suas riquezas, inclusive do subsolo. Estas áreas
  deverão ser imediatamente demarcadas.
- 83. Aos próprios índios, através de representantes por eles escolhidos, inclusive no Congresso Nacional e em organismos oficiais referentes a seus interesses, deve-se reconhecer o direito de participar na discussão e encaminhamento dos assuntos que lhes dizem respeito.
- 2. A lição da História e o desafio do Anúncio levaram os Senhores Bispos a exigir as garantias mínimas que preservem a vida dos povos indígenas: a renúncia ao colonialismo interno que sempre caracterizou as relações da sociedade dominante com os índios; direito à terra e às suas riquezas; direito de participação. Cumprindo estas orientações, o CIMI levou à Assembléia Nacional Constituinte o debate destes pontos, formulando-os juridicamente.

- 3. Os enfrentamentos mais recentes ocorridos em função da defesa dos direitos indígenas permitiam identificar os aspectos que causariam maior resistência, na Assembléia Nacional Constituinte: o problema da exploração de minérios nas terras dos índios, com precedentes já em 1984; e a perspectiva de renúncia ao colonialismo interno, uma vez que a incorporação dos índios à sociedade majoritária é ainda considerada a política preferencial de importantes setores governamentais (cf. documento "Doutrina de Segurança Nacional ameaça os Povos Indígenas no Brasil", março de 1987).
- 4. A serenidade com que foi possível o debate sobre os direitos indígenas, na Subcomissão dos Negros, Populações Indígenas, Pessoas Deficientes e Minorias, e na Comissão da Ordem Social, permitiu a redação e inclusão, nos textos pré-constitucionais, de dispositivos que constituíam efetiva salvaguarda aos direitos e interesses indígenas, acolhendo também as propostas da declaração pastoral dos Senhores Bispos que eram também reivindicações de outras organizações de apoio à luta indígena.
- 5. Incluídos estes dispositivos no primeiro Projeto de Constituição, articularam-se para os combater as mineradoras privadas, por um lado, e setores governamentais, especialmente o Conselho de Segurança Nacional, por outro. As vésperas da ocasião prevista para que o Projeto fosse votado pela Comissão de Sistematização, o jornal O Estado de São Paulo desencadeou violenta campanha difamatória contra o CIMI e a Igreja, prestando-se a ser porta-voz dos interesses que se opunham às conquistas até então alcançadas.
- 6. A defesa das terras indígenas e do usufruto exclusivo, pelos índios, de suas riquezas naturais, e os mecanismos de controle relativos à mineração nas terras dos índios foram desvirtuados como irreais e anti-brasileiros. A defesa da preservação cultural dos povos indígenas foi caracterizada como atentatória à soberania do País. Falaciosamente, passou-se a divulgar que os índios têm terras em demasia, atribuindo à Igreja tal fato; que o Brasil precisa dos minérios existentes em terras indígenas, cujo montante foi superestimado; e que a verdadeira política indigenista consiste em incorporar os índios, para juntá-los ao "grêmio da civilização". Estas teses foram fartamente anunciadas em jornais, em pronunciamentos oficiais e, mais recentemente, em documentos do Conselho de Segurança Nacional que, enviados à Comissão Parlamentar Mista de Inquérito instaurada para apurar as denúncias inicialmente publicadas por O Estado de São Paulo, vêm sendo ultimamente transcritos pelo mesmo jornal.
- O objetivo de todas as distorções veiculadas através da campanha inaugurada por O Estado de São Paulo e prosseguida pelo próprio Conselho de Segurança Nacional, era tulmutuar e confundir a votação dos dispositivos sobre os direitos indígenas, pela Comissão de Sistematização. Assim, a votação dos preceitos que, embora não incluídos no capítulo próprio, afetam os direitos indígenas, revelou o êxito da campanha, na medida em que não se lograram as modificações necessárias para resgatar o texto anteriormente aprovado pela Comissão da Ordem Social. Observe-se, além disso, que já antes de a Comissão de Sistematização discutir a matéria, o seu relator, deputado Bernardo Cabral,

impusera ao texto do Projeto de Constituição radicais alterações, redigindo ao gosto das mineradoras e do Conselho de Segurança Nacional os artigos sobre os índios, em seus dois substitutivos.

8. Ambos os textos do deputado Bernardo Cabral abrigam uma perspectiva declaradamente etnocida, ao prever tratamento desigual para os índios considerados em "elevado estágio de aculturação"; e ao estabelecer, indiretamente, a absoluta incapacidade para os índios não-integrados. Na concepção dos substitutivos, portanto, ou se é índio, ou se é cidadão.

Esta concepção é exatamente a que vinha sendo preconizada por setores governamentais, e manifestada por seus representantes, nos sucessivos encontros mantidos com membros do governo e da Igreja, desde 1985. É, também, a abordagem proposta nos documentos do Conselho de Segurança Nacional, a maioria dos quais elaborada em 1986, concomitantemente ao diálogo que a Igreja vinha mantendo com o governo, sobre a questão indígena. Por isso, impunha-se lutar por modificações no texto do 2º Substitutivo, que à Comissão de Sistematização incumbia apreciar.

9. Frustradas as primeiras tentativas para tais modificações, o CIMI somou esforços numa proposta de acordo entre as diversas tendências que agrupam os membros da Comissão de Sistematização. O acordo supunha abdicar da tese de estatização da mineração em terras indígenas e acatar hipóteses de remoção de grupos indígenas de suas terras, inclusive por motivos de "interesse da soberania nacional". Por outro lado, a redação geral do capítulo sobre

os índios seria alterada, repondo o texto da Comissão da Ordem Social.

Embora o acordo tivesse razoáveis possibilidades de se efetivar, lamenta-velmente a Comissão de Sistematização, por decurso de prazo, deixou de votar o capítulo sobre os índios, assim como não votou os capítulos sobre Comunicações, Meio Ambiente, e da Família, Criança, Adolescente e Idoso. Em função disso, o texto foi remetido ao Plenário da Assembléia Nacional Constituinte tal como redigira o deputado Bernardo Cabral, em seu 2º Substitutivo.

- Já antes de a Comissão de Sistematização votar o primeiro dispositivo de interesse dos índios, o governo antecipara-se, editando os Decretos n.os 94.945 e 94.946, ambos de 23 de setembro, através dos quais se institucionalizou a participação do Conselho de Segurança Nacional nos procedimentos de identificação e demarcação de terras indígenas, e se previu tratamento distinto para os índios, conforme sejam considerados integrados ou não. Para os integrados, inclusive, chega-se ao ponto de prever uma nova figura jurídica quanto às terras a eles destinadas a colônia indígena — em franca contradição com os preceitos constitucionais vigentes sobre o tema.
- 11. O que se denota é que toda a oposição governamental às reivindicações indigenistas da Igreja é resultado de decisões tomadas contemporaneamente ao diálogo mantido entre esta e o governo, através do qual se esperava obter condições para soluções justas e coerentes. É o que se verifica dos documentos do Conselho de Segurança Nacional, em que se propõe desde a

construção de canais próprios entre o governo e a "Igreja tradicional", até a contemporização nas conversas entre representantes de ambas as instituições, passando por iniciativas assinaladas ao próprio Executivo (como os Decretos mencionados) e estratégias junto à Assembléia Nacional Constituinte, para reagir às propostas defendidas pela Igreja.

12. É inevitável concluir que se tentou, tão deliberada quanto inutilmente, envolver o CIMI e a própria Igreja numa sucessão de discussões estéril e infindável, fazendo crer na existência da boa-vontade governamental para o debate e solução dos problemas levantados. Entretanto, a política indigenista oficial já estava decidida, incluindo aspectos irreversíveis: a demarcação das terras indígenas continua cada vez mais inviabilizada, e várias comunidades estão sendo coagidas a admitirem o estabelecimento da "colônia indígena'; a descentralização da FUNAl está implantada; a mineração em terras indígenas foi regulamentada, apesar dos protestos e promessas do próprio Ministro das Minas e Energia; o projeto Calha Norte está em franca implementação, sem que a ele correspondam medidas protetivas às comunidades indígenas afetadas; a repressão e ameaças aos missionários chegaram a níveis de gravidade não alcançados sequer nos governos autoritários.

Por outro lado, a tergiversação passou a integrar o comportamento governamental. Autoridades de alto escalão afirmam desconhecer os graves fatos que se denunciam; providências são prometidas e nunca efetivadas; e, na prática, a política indigenista de integração forçada permanece em seu curso.

13. Impõe-se, enfim, concluir que o governo, circunstancialmente aliado a interesses econômicos que se opõem aos direitos indígenas, não se tem motivado pela interpelação da Igreja. A disposição da Igreja ao diálogo, e a cobrança firme e decidida do respeito à dignidade dos povos indígenas não sensibilizam o governo a ponto de determinar resultados concretos. Chegouse à situação considerada ideal por aquele rei bávaro: a Igreja pleiteia o que lhe parece justo, mas o governo faz o que quer.

14. O momento histórico atual é crucial para os povos indígenas. Inexistindo mudanças reais na política indigenista oficial, e alterações profundas no texto pré-constitucional em debate, não lhes restará outra perspectiva senão a de um derradeiro período, de sofrimento, findo o qual dificilmente poderão ter resistido ao processo de descaracterização aguda que se lhes propõe. Embora até hoje tenham logrado resistir, em maior ou menor grau, os índios, mesmo que sobrevivam fisicamente, não terão como preservar sua especificidade cultural própria e irreproduzível, diante da ofensiva que se anuncia.

É preciso, pois, que se encontrem formas mais eficazes de solidariedade, ampliando a presença missionária junto aos povos indígenas, e o apoio explícito, nosso e de nossas comunidades. A destruição dos "restos" indígenas neste País, que já foi deles, não poderá seguir impunemente.

Secretariado Nacional do Conselho Indigenista Missionário. Brasília, 24 de novembro de 1987.

# A EVANGELIZAÇÃO COMO NOVA PÁSCOA PARA A AMÉRICA LATINA EM BUSCA DE LIBERTAÇÃO

Anunciar e produzir a Páscoa, fazer que "todas as nações se tornem discípulas" do Ressuscitado. Eu vou criar novos céus e nova terra.

# Pe. Nicolau Masi, SX Belém, PA

No seu discurso de abertura das comemorações do V Centenário da Evangelização da América Latina, a 12 de outubro de 1984, o Papa João Paulo II exigiu uma "Evangelização nova" para América Latina. Tacitamente, isso diz que a América Latina não está evangelizada, pelo menos, não está vivendo à luz das alegrias pascais. O prefácio da Ressurreição se reduz a rito e cerimônia; as boas notícias não produzem mudat.ças substanciais, e os anunciadores ou estão dormindo, ou ainda não encontraram o meio eficaz de anunciar e realizar a Terra Prometida. Existe uma saída para tudo isso? Qual o papel da VR no caso? Procuraremos responder percorrendo quatro etapas:

- A América Latina é um grande Egito como no tempo dos Faraós.
- A solução dada até agora é inadequada e não produz Terra Prometida.

- 3. A única saída: produzir e anunciar uma nova Páscoa.
- 4. O papel da VR em produzir e anunciar uma nova Páscoa para América Latina.

# A América Latina é um grande Egito como no tempo dos Faraós

O mundo em que vivemos é um mundo altamente conflitivo. Existem ricos e pobres, dominadores e dominados, exploradores e explorados. Os países reproduzem o mesmo esquema. Existem os Países do Norte (o centro do poder econômico e político do mundo) e existem os Países do Sul (a periferia do mundo). A AL faz parte do terceiro mundo, é o hemisfério sul, a terra explorada. Quem manda na AL não vive na AL. O centro do poder está fora. As leis econômicas são manobradas no primeiro mundo. Lá se fixa o preço do café, do ferro,

do ouro, o preço do trabalho, o valor do câmbio, a taxa dos juros. Aqui se executa, através dos "grandes locais". A eles se dá a ilusão de serem autônomos, independentes. Mas são executores, só lhes restando o espaço de organizar a entrega do próprio País ao poder central. É o poder de Herodes.

Cada País reproduz em escala menor o modelo maior do primeiro mundo. Lá, também, o poder econômico escolhe e dirige o poder político/militar, que se faz, por sua vez, força e sustento do sistema.

Em resumo: toda AL, desde a ocupação iniciada no ano de 1492, é terra de exploração. Colônia e escravatura desapareceram mais no dicionário que na realidade. Militarismo, coronelismo, corrupção e injustiça institucionalizada, analfabetismo e massificação, desemprego e salários de fome, doenças e descaso das autoridades, dívidas externas gigantescas e espoliação das matérias-primas, são itens da situação de escravidão camuflada da AL.

Querendo analisar mais de perto o Brasil, deparamos com um País de profundíssimas contradições. Trata-se de um País imenso, verdadeiro subcontinente cuja extensão é 28 vezes a superfície da Itália. É um País riquíssimo, portanto, é um País cobiçado e explorado. É um País capitalista, aliás, é o paraíso do capitalismo: veja todas as leis, os benefícios, os incentivos fiscais a favor do capital. Mas é um País capitalista dependente, cujos centros decisórios estão fora.

A lei trabalhista é pensada mais em função do capital e da "ordem" do que em função da pessoa e da vida. A consequência são os imensos desequilíbrios sociais: 2% da população possui 58% das terras; 70% dos brasileiros são subnutridos; 32 milhões de pessoas são doentes de tuberculose; 22 milhões têm sérias perturbações mentais; 36 milhões de menores são carentes. O Brasil é um grande hospital, agravado pelo péssimo atendimento da previdência social 'e pela ganância das indústrias farmacêuticas, em grande parte multinacionais.

A este quadro negro se acrescente a dívida interna e, sobretudo, a dívida externa que supera o teto dos 110 bilhões de dólares. Trabalhando dia e noite, exportando o mais possível e tirando os cintos, os brasileiros mal conseguem pagar os juros altíssimos impostos pelos bancos credores do primeiro mundo.

Nem se vê uma saída, pelo menos a curto prazo. A solução seria mudar, radicalmente, o poder econômico. Mas este é astucioso e forte e continua inflexível o seu caminho. Resumindo podemos afirmar: o poder não quer mudar, só faz mudanças superficiais e populistas que não atingem a substância das coisas, e continua usando meios poderosos para manter o "status quo". Não quer uma renovação popular da Constituição, não quer a volta do executivo sob a fiscalização e o controle do legislativo, não quer uma reforma agrária séria, não quer a valorização do salário sobre o capital. E inventa soluções inadequadas e populistas: plano cruzado 1 e 2, plano Bresser, distribuição

de leite, merenda escolar, L.B.A., Funabem. De fato, porém, se continua com o mesmo sistema ideológico e repressivo, com abundância de uso sectário e controlado dos meios de comunicação social, com a censura, com a lei de segurança nacional e com forte aparato policial e militar. A implantação da Calha Norte, num momento de insolvência econômica e de crise geral do País, é um exemplo da continuada situação de privilégio das Forças Armadas. O projeto vai custar à nação 45 milhões de dólares, sem pensar nos povos indígenas afastados das suas terras e privados dos seus direitos.

# A solução dada é inadequada e não produz terra prometida

A história dos povos da AL é uma história de alegrias, mas também é uma longa ladainha de humilhação, de sofrimento e de sangue. Os "conquistadores", para mostrar uma cara mais agradável, se apresentaram como "civilizadores" e como "evangelizadores". Tratou-se realmente de civilização e de evangelização? Qual foi o papel da sociedade civil? Qual foi o papel da Igreja?

# 2.1. O papel da Socielale Civil na América Latina

Os "conquistadores" não produziram a Terra Prometida. Primeiro é duvidoso que Espanhóis, Portugueses, Holandeses, Ingleses, Franceses fossem mais civis do que Astecas e Mayas, do que México e Peru. Tratava-se de culturas diferentes, não inferiores, em certas manifestações, aliás, muito superiores. Todas estas culturas foram destruídas, os povos foram "amansados", reduzidos a ser "produtores" em função do poder central. Nunca mais aqueles povos conseguiram voltar a ser eles mesmos, geradores de uma cultura própria, criativa, originária, diferente da dos conquistadores.

Os outros povos indígenas, que ainda viviam num estágio tecnicamente mais primitivo, foram literalmente aniquilados. Impediu-se que fossem eles mesmos, obrigaram-nos a servir, dizimaram os "rebeldes", destruíram as três maravilhas e genuínas características dos índios: o amor à natureza, o amor à liberdade, o costume da partilha.

O outro grande crime dos conquistadores foi a implantação, na AL, da escravidão, transportando africanos, caçados como animais, obrigados a trabalho forçado e desumano. São páginas cruéis de sofrimento e de sangue.

No século passado se aboliu a escravidão, mais como medida econômica do que por reconhecimento dos fundamentais direitos humanos. Abolição oficial mais que real, tanto assim que não é pouco frequente encontrar trabalho escravo em várias fazendas, em fábricas, em indústrias madereiras no meio da mata, no desfrutamento de homens e mulheres na prostituição.

As várias mudanças políticas foram mais lutas de elites do que participação real do povo no planejamento e no poder de decisão. A grande maioria do povo só foi pensada como massa e como mãode-obra barata. A distribuição de

renda está entre as mais injustas do mundo, criando pouquíssimos super-ricos e muitíssimos que vivem na miséria. Os salários estão entre os mais baixos do mundo e têm um valor aquisitivo completamente insuficiente. A política é fonte de dinheiro, de poder, de corrupção, sem controle, e sem o dever de prestar conta a ninguém. Quase todos os Países da AL vivem enforcados dentro de uma dívida externa insolúvel. Nenhum governo foi chamado a prestar conta deste suicídio, que permite ao primeiro mundo ser o verdadeiro dono das decisões do terceiro.

Frente ao mal estar geral do povo, o poder exorciza a oposição, chamando de comunista e de subversivo tudo quanto é justa reclamação e luta por uma maior justiça. Criou-se assim a doutrina da Segurança Nacional com relativas leis, repressões policiais, torturas, desaparecimentos.

Hoje se procura abrandar as ditaduras militares, mas os militares estão sempre de prontidão para impedir mudanças. Pinochet, Stroessner, Duarte, continuam impunes e fortes. Os operários não podem se organizar. A maioria das greves são declaradas ilegais pelo governo.

O Desenvolvimentismo, que devia, segundo os grandes economistas do sistema, produzir riquezas e felicidade, só fez desequilibrar ainda mais a repartição dos bens. Amadureceu, é certo, de alguma forma, uma consciência crítica popular, mas a oposição sempre se apresentou fragmentária e dividida, mais uma busca de poder que de luta por uma conscientização e organização do povo.

# 2.2. O Papel da Igreja

O papel da Igreja na AL é interpretado por uns de maneira otimista e até triunfalista, e por outros de maneira mais crítica e realista. Ao primeiro grupo pertence a interpretação oficial. O próprio João Paulo II, em seu discurso de chegada a São Domingos, disse que os primeiros missionários "vieram anunciar o Cristo Salvador, defender a dignidade dos indígenas, proclamar seus direitos invioláveis, favorecer a promoção integral...".

Outros historiadores e sociólogos são menos otimistas. Com amargura se dão conta da instrumentalização e ideologização da religião a favor do poder. Cruz e espada eram demais unidas no desfrutamento de índios e africanos. Existem páginas gloriosas a favor das duas etnias (Veja Valdivieso, Vitória, Las Casas), mas existem também páginas mortificantes que até tentaram uma justificação teológica da escravidão. Quase sempre, até poucos anos atrás, a Igreja sustentou o poder, fosse ele militar, ditatorial, antipopular.

Só com o Concílio Vaticano II iniciaram-se as primeiras brechas. E só com o aprofundamento teológico e com a corajosa tomada de posição dos Bispos em Medellin (1968), e em Puebla (1979), se iniciou o tempo novo do envolvimento da Igreja com os "últimos". Dito de forma melhor, poderíamos dizer que os "últimos", até então marginalizados, sem direito de serem escutados, se acham Igreja e se chamam de Igreja. A própria Hierarquia que se preocupava com os

crentes e, ao máximo, com os nãocrentes, agora abre os olhos e enxerga um povo imenso de batizados tratados como "não-homens". A Igreja, reunida em Medellin e Puebla, ficou como que escandalizada e denunciou a nossa sociedade como injusta e incompatível com o plano de Deus (cf. Medellin, doc. Justiça 1,2; doc. Paz 1,13; Puebla 17ss.). Puebla é obrigada a constatar que esta situação não só não melhorou como também se agravou desde Medellin, e que a distância entre ricos e pobres é sempre mais insultante e anticristă (18).

Esta situação constitui um verdadeiro pecado social (Puebla 17), uma forma de violência institucionalizada (Medellin, doc. Paz 16), que, para mudar, necessita de redenção (Puebla, mensagem aos povos). E esta situação não é uma realidade superficial e transitória, mas tem causas e raízes estruturais e permanentes na economia, na política, na exploração nacional e internacional.

Os Bispos Latino-Americanos denunciam o pecado pessoal e o pecado estrutural, e pedem uma conversão do homem mas também das estruturas onde o mal se condensa impedindo ao homem de ser humano. Exige-se, portanto, uma mudança/conversão global, das consciências e das instituições. Uma sem a outra não se sustenta.

# 3. A única saída: produzir e anunciar uma nova Páscoa

O Egito acabou, para os escravos, quando eles experimentaram a liberdade e os frutos da Terra Prometida. Duas coisas são necessárias: crer que existe uma Terra Prometida é acreditar que é possível alcançá-la. Em outras palavras: é preciso anunciar uma nova Páscoa e é preciso produzir uma nova Páscoa.

### 3.1. Anunciar uma nova Páscoa

Até agora falamos de uma realidade triste, conflitiva, esmagadora. Falamos só do Egito. Negamos a existência de uma Terra Prometida. Pelo menos afirmamos que, se ela existe, não está ainda ao alcance dos povos latino-americanos. A pergunta que nós colocamos é: a Terra Prometida não existe ou só não é anunciada e aplicada?

# 3.1.1. A terra prometida existe

A Bíblia nos dá contínuas pinceladas de um mundo novo, maravilhoso, diferente, profundamente humano, profundamente divino. Já o Paraíso terrestre, mais do que um lugar histórico perdido, é o lugar de chegada de todo homem que em esperança anuncia, na sua vida e na sua história, a utopia de poder viver reconciliado consigo mesmo, com a sua companheira, com a natureza, com Deus. A arca de Noé diz que para o homem existe uma salvação. A confusão das línguas em Babel será derrotada pela comunhão do Pentecostes, onde todos falarão a língua de todos.

O Egito não é eterno. Deus vê, ouve e desce para libertar. Babilônia não é eterna. Anuncia-se uma volta ao templo, à casa própria, à cidade santa. A vinha derrubada será transplantada de novo e dará

frutos abundantíssimos. O resto será semente de um povo incomensurável.

E o mundo e a sociedade e o coração dos homens vão mudar: "De suas espadas forjarão relhas de arado, e de suas lanças, foices. Uma nação não levantará a espada contra outra e não se arrastarão mais para a guerra... E fará desaparecer a morte para sempre. O Senhor Deus enxugará as lágrimas de todas as faces" (Is 2,4; 25,8).

"Pois eu vou criar novos céus e uma nova terra; o passado não será mais lembrado, não volverá mais ao espírito, mas será experimentada a alegria e felicidade eterna daquilo que vou criar" (Is 65,17).

Deus tem já pronto o seu enviado. Ele está enviando sobre a terra uma "cidade santa", vestida como a esposa do Cordeiro. Deus enxugará com suas próprias mãos todas as lágrimas. Não haverá mais nem luto nem dor. Eis que o mundo velho passou. Eis que Ele fez tudo novo (cf. Ap 21ss).

# 3.1.2 Só falta gente que acredita e que anuncia

Quando Jonas foi enviado para anunciar a Nínive o perdão e a Graça (outra maneira de entender a terra prometida), ele andou por um caminho oposto. E quando Javé conseguiu reconduzir o seu Profeta para Nínive, Jonas só foi capaz de fazer a "sua própria" pregação, de apresentar o "seu próprio" Deus, a "sua própria" ideologia. Ele quer continuidade em Nínive: pecado, sofrimento, castigo. Deus quer ruptura, início de coisas novas: em vez de

sofrimento, pecado, opressão. Deus quer misericórdia, perdão, vida nova.

Foi duro para Jave mudar Nínive, mas ainda mais duro foi converter o seu Profeta à causa do seu Projeto. A história se repete. A maioria dos "profetas" fogem frente ao perigo, e quando eles aceitam ir, vão de cabeça feita. Deus tem pouca vez, mal consegue fazer passar sua mensagem através do exército de seus ministros.

# 3.2. Anunciar e produzir a Páscoa

Não basta anunciar, é preciso produzir a Páscoa, fazer que "todas as nações se tornem discípulas" do Ressuscitado (Mt 28,19). Na sua despedida Cristo pré-anuncia a realização do mundo previsto por Isaías: os homens novos do mundo novo "expulsarão demônios, falarão em novas línguas, pegarão em serpentes, e se beberem algum veneno mortífero, nada sofrerão, imporão as mãos sobre os enfermos e estes ficarão curados" (Mc 16,17-18). "Pegarão em serpentes..."

Parece mesmo estar ouvindo Isaías: "o lobo e o cordeiro (a vaca e o urso) pastarão juntos; a criança de peito poderá brincar junto à cova da áspide, a criança pequena porá a mão na cova da víbora" (Is 11, 7-8; 66, 25).

É a volta ao Paraíso terrestre, ou melhor, é a criação do verdadeiro Paraíso. Trata-se do reinado de Deus em que demônios e doenças (símbolos do mal) serão aniquilados e a coisa mais importante será a comunhão entre os homens (saber falar a língua dos outros).

O papel da Igreja (dos discípulos) é portanto criar este estado novo de coisas, é realizar a mudança, a Passagem, a autêntica Páscoa: anular as forças destruidoras do mal (demônios, doenças, serpentes, veneno, com tudo aquilo que estas coisas significam), e criar laços de amizade e de fraternidade, derrubando a incomunicabilidade e a Babel que existe por aí, e aprendendo a falar a língua dos outros. Esta é produção de Páscoa, é passagem do Egito para a Terra Prometida, é viver os tempos da Ressurreição.

# 4. O papel da Vida Religiosa em produzir e anunciar uma nova Páscoa para América Latina

Antes de entrar neste último ponto, queremos logo fazer a distinção entre "instituição religiosa" e "carisma profético". Por "instituição religiosa" entendemos aquela organização que ordena, disciplina, organiza os "profetas". Ela visa reunir as forças e impedir individualismos e extravagâncias. Ao mesmo tempo porém, ela se preocupa com a ordem, a unidade, a uniformidade. O seu perigo é aquele de achatar as pontas, de reduzir a garra, de impedir os profetas de serem profetas. Todos os membros são vistos mais em função da instituição do que do Reino.

Por "carisma profético" entendemos a imprevisibilidade do Espírito que sopra onde ele quer, e pede gestos e sinais não codificados, portanto além da ordem prevista pela instituição, denunciando a podridão do sistema e anunciando a Primavera do Reino. Nesta nossa análise queremos parar nesta afirmação que nos parece resumir um pouco o papel da VR, hoje, na AL: Os religiosos devem ser hoje, na AL, "SINAIS" "NÃO CODIFICADOS" do Reino.

# 4.1. "Sinais"

Sinal é algo de exterior que remete a uma outra realidade que estáalém dele. O olho vê o semáforo verde e o motorista acelera o seu carro; a sirene apita e o operário pára de trabalhar. Cor verde, apito, são sinais, estão em função de outra coisa, estão a serviço de outra realidade. O semáforo não tem função própria, a sirene não é uma obra musical que mereça ser ouvida; semáforo e sirene só se entendem como algo que empurra a olhar e ouvir "além", no caso, a se interessar pela disciplina de trânsito e pelo regulamento de trabalho.

O "centro" deles não está neles mesmos, mas fora deles. O centro, o sentido, o ser verdadeiro do sinal está não no sinal mas fora dele.

Assim é o religioso: é um sinal. Sinal de outro. Ele é um presta-corpo, um presta-rosto do outro. Ele se empresta a Cristo para que Cristo através dele, possa refazer no aqui e no hoje, a sua aventura humana. Embaixo da pele do religioso se deveriam detectar as feições de um outro, as feições de Cristo. "Mihi vivere Chistus est: o meu viver é Cristo" (Fil 1,21). "Eu sou a videira, vocês são os ramos" (Jo 15, 5). O religioso portanto, não se pertence. O seu centro é outro. Ele é periferia de si mesmo. O seu Centro verdadeiro é Cristo, e todo ele é serviço, em função do Reino.

# 4.2. Sinais "não codificados"

O Reino é a novidade de Deus no mundo, é o inédito, o nunca visto, a primavera. E o religioso é o seu profeta, o seu anunciador. O profeta tem uma sensibilidade especial para detectar o Reino, para descobrir os pequenos brotinhos que germinam em todo canto e até em árvores decididamente ressequidas. Para isso, o religioso/profeta deve ter ouvidos sensíveis, afinados com o Espírito. Num mundo em que tudo é programado, tudo é previsto, viver com olhos antecipadores do futuro é próprio do profeta. O profeta, portanto, antecipa o futuro, nele já vive. Ele não aceita mais o velho, o óbvio, o que é normal. Ele se deixa conduzir pelo Espírito, pela sua novidade e pela sua criatividade. Um profeta não pode ser repetidor do mundo velho, do sistema de pecado e de opressão. Ele é um homem destinado a inventar coisas novas para que se possa chegar a construir o homem novo, a sociedade nova, enfim, o Reino.

Afinal, o religioso é destinado a ser, no mundo, não um sinal qualquer mas um "Signum magnum" (sinal grandioso). O Apocalipse (cap. 12) nos oferece uma pista. Às comunidades amedrontadas e desanimadas pela feroz perseguição de Nero, João mostra um sinal: uma mulher indefesa, fraca, desamparada, além de tudo grávida, frente a um enorme "dragão, cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres". Entre os dois vai ter guerra. Nenhuma dúvida: o dragão vai devorar a criancinha que deve nascer da mulher. Mas que nada! Eis aqui o "signum magnum" da presença salvadora de Deus. A mulher conseguirá fazer nascer "um filho, um varão, que irá reger todas as nações com um cetro de ferro "(Ap 12,5), e a mulher conseguirá fugir para o deserto (Ap 12,6), num lugar onde o poder do dragão não tem vez, e onde se pode ensaiar um tipo de vida nova.

"Signum magnum". Eis aí o que deve ser um religioso: um sinal não apagado, mas evidente, luminoso, inequívoco. Digamos honestamente: os religiosos são hoje na Al um "signum magnum", um sinal surpreendente, que logo faz pensar e estimula a se jogar na realidade designada? Vendo um religioso eu, imediatamente, percebo a presença do Reino? Ou a casca do religioso é tão espessa que não deixa mais transparecer aquilo de que ele é sinal? Portanto, vamos brevemente analisar os sinais tradicionais, para, num segundo momento, nos perguntarmos quais seriam os sinais que hoje falariam clara e evidentemente ao mundo.

# 4.2.1. Sinais tradicionais

São eles sinais de costume e sinais de empenho de vida. Entre os sinais de costume encontramos toda uma tradição que vai do hábito aos apelativos, até a maneira artificial e sofisticada de se comportar. Creio que ninguém mais pensa que seja essencial para um profeta se vestir como há vários séculos atrás, se tratar e se chamar com apelativos que estão fora da nossa histórica, manter em vida usos e costumes já mortos.

Para os sinais que traduzem empenho de vida, o discurso é mais difícil. Ninguém pode contestar o valor da pobreza, da castidade e da obediência evangélicos. O problema é se, tal como são vividos, estes valores ajudam o observador a se entregar a Cristo e ao Reino, ou se, pelo contrário, eles são sinais tão apagados que é como se não existissem. Agora uma pergunta: adianta um esforço imenso de toda uma multidão de religiosos em viver pobres, castos, obedientes, se tudo isso se torna uma força inerte, incapaz de chocar, incapaz de levar a mudanças? Torno a insistir: não que a pobreza, a castidade, a obediência tenham perdido a sua força e a sua capacidade de falar do Reino. Mas o problema é se, assim como são vividas pelos religiosos de hoje, elas têm ainda uma força de choque.

É preciso pelo menos dizer que nem tudo é claro, nem tudo é sinal inequívoco.

A respeito da pobreza, por exemplo, sabemos que muitas ordens e congregações são uma potência econômica. É inútil falar de pobreza individual quando o corpo todo vive numa total segurança, sobretudo num mundo de precariedade absoluta.

A respeito da castidade, sabemos das reivindicações de liberdade por parte de tantos sacerdotes que pedem a volta de uma escolha ministerial não condicionada pelo celibato. Isso não deveria atingir o religioso cujo voto de castidade é independente da sua ordenação sacerdotal. De fato, porém, temos tantas deserções, e isso não ajuda a diminuir a suspeita que, tradicionalmente, muitos têm a respeito da auten-

ticidade do empenho da castidade de padres e religiosos. O sinal, portanto, é muito pouco eloquente.

A respeito da obediência sabemos da reação negativa que muitas vezes reveste esta palavra. Atitude crítica e criatividade é aquilo que nós continuamos a pedir do nosso povo massificado. "A obediência não é mais uma virtude", escrevia Dom Lorenço Milani. Não no sentido de empenho de vida a realizar o projeto e, portanto, a vontade do Pai nisto foi afinal todo o sentido da vida de Cristo), mas na atuação concreta de uma obediência massificante e mortificante, que substituía, facilmente, pessoas e normas humanas com vontade do Pai. ("Amarram fardos pesados e os põem sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos nem com um dedo se dispõem a movê-los" (Mt 23,4).

Pobreza, castidade, obediência não se tornaram sucata. Só devem ser sentidas e vividas de maneira diferentes, como solidariedade pelos pobres na luta pela justiça, na exigência da partilha das imensas riquezas do mundo; como pertença total a Deus e como disponibilidade total não só à própria raça e ao próprio sangue, mas aos "últimos" da terra; como radicalidade de empenho por Deus e o seu Reino.

# 4.2.2. Sinais novos

Estão já vislumbrados os sinais novos, claros, evidentes, chocantes que os religiosos/profetas devem mostrar. Que digam, que gritem ao mundo a sua fé na Páscoa e a sua felicidade por já lhe pertencer, pelo menos inicialmente.

Ora, qualquer sinal, como vimos, é em função de outro. Portanto todo gesto e toda palavra do religioso são funcionais. Eles querem mostrar a sua Paixão pelo Pai, pelo Reino, pelos pobres. É escolhem, para isso, todo um vocabulário claro e apropriado. É hora de se despir de um linguajar áulico e artificial. Os religiosos devem mergulhar mais no Pentecostes, se deixar invadir mais pelo Espírito, para aprender a falar a língua do povo, em especial dos "últimos".

# Religiosos Profetas conduzidos pelo espírito.

Os religiosos não estão em função de si mesmos, das suas instituições, dos seus interesses, das suas ideologias. Eles têm um único Pai, o Pai de todos, o Pai de Jesus Cristo. Eles fazem parte de uma única família, a Igreja, a convocação de todos os amados por Deus. Eles são conduzidos por um único Espírito, aquele mesmo Espírito que presidiu ao nascimento de Cristo e dirigiu todas as suas ações, seja como pessoa física, seja como pessoa moral. (Veja Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos: Vida do Cristo físico e Vida do Cristo místico, primeira comunidade cristã.)

# Primeiro Sinal: Gente que já vive a Páscoa.

A fé que os religiosos vivem no Cristo ressuscitado é tão grande que eles decidem constituir a sua família ao redor do Cristo vivo. Eles acreditam no vínculo do sangue, da raça, da cultura, mas mais ainda acreditam no vínculo novo introduzido no mundo por Cristo: "Aquele

que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, irmã e mãe" (Mc 3,35). O Projeto do Reino (a vontade do Pai) é o sangue novo que corre nas veias dos Apóstolos, dos Profetas e dos Religiosos fazendo com que eles, baseados sobre um parentesco completamente original, iniciem o mundo novo.

Para os religiosos já chegou, de certa forma, o dia da Páscoa. Falamos evidentemente dos religiosos que tomaram a sério o seu compromisso, dos poucos talvez que se sentem livres e felizes pela escolha feita. Aqueles que conseguiram sair do Egito, se encontram na felicidade e na posse da Terra Prometida. Mas existem de verdade, são muitos estes religiosos que dão o espetáculo de gente realizada, que não se sentem presos em correntes, que não ficam com saudade das cebolas do Egito, que não fogem da sua comunidade à busca de compensações, que não adoecem de torcicolo à força de olhar para as janelas dos outros? Quantos religiosos constroem na sua casa um ninho cheio de conforto, vivendo como pequenos burgueses, que nunca ficam satisfeitos? Para eles a Páscoa é uma fábula e a vida deles é um verdadeiro contrasinal.

Bem diferente é o testemunho de quem já vive, pelo menos inicialmente, a Páscoa. Vê-se que o Ressuscitado está vivo e presente no meio deles. A amizade entre eles é autêntica e profunda. Cada qual vive as tristezas e as alegrias dos outros. Rezam juntos, escutam a Palavra juntos, decidem juntos. Eles sabem se compreender, se aceitar,

sorrir, se perdoar. Não é simplesmente uma Comunidade de trabalho, mas é ensaio de Reino, preanúncio de mundo novo.

Uma comunidade triste, dividida, briguenta, não pode ser anúncio de notícias boas. A sua pretensa evangelização é só palavra vazia que não se apóia na manifestação do Espírito e dos fatos. Breve, para os religiosos, o primeiro sinal, o mais claro e indispensável é aquele de ser lugar vivo de ressurreição, é proclamação de uma Páscoa que está se vivendo na casa deles.

Para eles e por eles se repete o milagre pascal atribuído por Lucas aos primeiros cristãos: "Todos os dias, unidos, se reuniam no templo, e nas casas partiam o pão e comiam com alegria e humildade. Louvavam a Deus por tudo, e eram estimados por todos. E cada dia o Senhor aumentava aquele grupo, com outras pessoas que iam sendo salvas" (At 2, 46-47). Viver com alegria, rezar juntos, partir o pão e tornar simpático o Reino: eis o primeiro sinal da Páscoa dos Religiosos no meio do mundo.

# Segundo sinal: a Inserção.

Este sinal está em continuidade com a Encarnação. Deus, para falar na forma mais íntima e profunda com o homem, escolhe o único caminho compreensível: se faz homem e manifesta a vontade de partilhar o destino dele. Eis os dois momentos fundamentais da inserção: amor imenso às pessoas escolhidas e partilha de destino com elas (com todas as consequências de inculturação e aculturação). Fazer isso "à maneira de Jesus", conduzi-

do pelo Espírito Santo, num gesto de verdadeiro amor aos pobres, é difícil. Pode existir uma tentativa inconfessada de fuga por parte de Religiosos que não gostam de disciplina e de vida em comunidade; pode haver pessoas à caça de novidades e de aventuras; há o perigo de os religiosos se jogarem em atividades sociais esquecendo a contemplação e a vida sacramentária. As vezes, a multiplicação de atividades em promiscuidade tem colocado em perigo o celibato. Tudo isso é possível, aliás este perigo existe de verdade. Mas porque nadar é perigoso não vamos impedir de aprender a nadar. Aliás, o mundo da AL é hoje um mar super-agitado. Precisa preparar nadadores espertos. Existem praticamente dois tipos de pessoas: o mundo (com as elites) e o submundo. Por vários motivos (origem, posição geográfica, necessidade de recursos), os Religiosos vivem hoje no meio do mundo (dos ricos). As periferias das cidades com as suas favelas, cortiços, baixadas, incharam de maneira espantosa. As cidades redobraram e os Religiosos ficaram onde estavam, servindo ao Centro, na prática aos ricos, deixando os pobres no maior desamparo. Há padres e religiosos que se preocupam, mas geralmente o deslocamento é muito lento. Precisa-se de longas discussões, de consultas, de permissões a nível local, provincial, geral. E às vezes, as escolhas não são as melhores; enviamse pessoas sobrando em outras atividades. Não se pode deixar ir uma enfermeira diplomada, uma diretora de escola, uma mestra de noviças! Não se acredita que os primeiros destinatários do Evangelho são os pobres e que, portanto, a eles é

preciso enviar os melhores entre os religiosos e os profetas.

Terceiro sinal: Bem dentro nas atividades populares.

Este segundo aspecto é consequência do primeiro. Inseridos com o povo para agir com o povo. Ora, uma das características dos nossos povos latino-americanos é a perda das suas raízes, da sua cultura, de sua personalidade. Cinco séculos de escravidão e de massacre conseguiram tirar a alma dos nossos povos, deixando quase que só a casca deles. Foi um processo terrível de massificação. Mas aquele Espírito que foi capaz de fazer reviver os ossos secos (Ez 37) está já semeando sopros de ressurreição em cima deste povo.

Portanto, o profeta se alegra por cada sinal de vida. Ele não só não se assusta quando a massa se mexe, grita, ameaça, mas intimamente se alegra porque está voltando a vida naqueles ossos ressequidos. Quando nasceram as CEBs, os verdadeiros profetas se alegraram e não só abalaram mas sopraram felizes para

que a chama continuasse e se tornasse sempre mais forte.

Nas CEBs, os profetas viram um povo que voltava a viver, que sentia estar vivo e responsável, porção de Igreja participante e comunicante.

Mas os profetas se alegram cada vez que vêem ossos se mexendo, se reconhecendo no direito de viver. Por isso os religiosos são felizes em ver um povo reunido, um povo vivo e decidido, reclamando e exigindo os seus direitos, os direitos da vida. Os nossos povos foram reduzidos a crianças; os religiosos se alegram quando vêem que eles se tornam adultos. E, portanto, participam, ajudam, animam, acompanham. E um destino comum, é uma luta comum, é um sair juntos do Egito, do Egito espalhado em cada canto, em cada lei, em cada instituição, até em cada juntura do seu corpo, da sua casa, da sua comunidade, para entrar decididamente na terra prometida. É fazer acontecer a Páscoa do povo. É acreditar que Cristo, ressuscitado, tem semeado ressurreição aos quatro ventos e, portanto, é chegada a Páscoa do povo.

# Quais as formas mais trágicas do pecado social?

Eis algumas. Você saberá continuar a listagem. Fome, opressão e violência; guerras, drogas, corrupção, discriminação e marginalização, analfabetismo; erosão dos valores e destruição da família, consumismo incontido e pansexualismo industrializado. Tudo isto constitui o maior desafio histórico à evangelização em todos os tempos.

# A INCULTURAÇÃO DA LITURGIA PARA UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO NA AL

"A inculturação é um caminho difícil, porém necessário". A Igreja inteira deverá empenhar-se nesta tarefa. Para isso, mudar de mentalidade.

# Pe. Manoel João Francisco

Camboriú, SC

A Igreja sempre teve a preocupação de, ao pregar o Evangelho aos povos, respeitar-lhes as culturas e os costumes. Como exemplo deste cuidado, podem-se apresentar Atos 2,14-41 e Atos 17,23-34, que falam da pregação do Evangelho aos judeus e aos atenienses, respectivamente. Nestas duas situações típicas os Apóstolos tentam acolher os valores positivos de cada cultura, criticar-lhes os desvios e anunciar-lhes o núcleo da fé cristã. Noutras palavras, desde o começo a Igreja procurou mostrar que a fé cristã não se identifica com nenhuma cultura, mas quer ser ouvida e acolhida por todas as culturas e quer também vivificá-las.

Da preocupação à prática, no entanto, resta um longo percurso a ser feito. Também na América Latina, muitos de nossos missionários tiveram o cuidado de respeitar os costumes e a cultura dos índios. Contudo, não raras vezes evangelizar foi sinônimo de "aportuguesar" ou "espanholar". Desta forma, para a

maioria dos índios e dos negros vindos como escravos da África, ter assumido o cristianismo significou ver destruídos os próprios valores, símbolos e cultura. O processo de destruição da cultura autóctone não parou com o decorrer do tempo. Pelo contrário, foi se acentuando cada vez mais. A vinda dos emigrantes europeus, principalmente italianos e alemães, no século passado, e a política de romanização encetada pelo Vaticano reforçaram a identificação entre fé cristã e cultura européia. Certamente a não inculturação da fé pelo nosso povo fez com que sejamos um povo apenas epidermicamente cristão e vivamos um catolicismo ambíguo. A escassez vocacional para qualquer tipo de ministério eclesial, a dependência em quase 50% de missionários estrangeiros, o crescimento cada vez maior das religiões afro-brasileiras, a invasão das seitas estão aí para comprovar. Um grande número de pessoas procura a Igreja católica para batizar os filhos, se casar, e ao mesmo tempo é adepto fiel dos terreiros. Isto para não falar da imensa maioria de católicos indiferentes, ou apenas de batismo, primeira comunhão, casamento e missa de sétimo dia.

Talvez seja por isso que nossos bispos reunidos em Puebla constataram que, após cinco séculos, a Evangelização da América Latina passa por grandes dificuldades e ameaças (DP 342). Talvez seja também por isso que o Papa, em São Domingos, quando fez a abertura das comemorações do quinto centenário de Evangelização da América Latina, pediu "uma nova Evangelização".

"O próximo centenário do descobrimento e da primeira Evangelização convida-nos a uma nova Evangelização da América Latina."

Está aí o desafio, esperando uma resposta de todos nós cristãos em geral, mas de modo especial dos religiosos, que desde o início foram os grandes evangelizadores do nosso continente.

Esta nova evangelização com certeza não será nova em termos de conteúdo, mas de metodologia. O Evangelho será sempre o mesmo. O "como evangelizar" é que pode e deve mudar de acordo com as circunstâncias de tempo, de lugar e de cultura. Preocupado com a fidelidade ao conteúdo da Evangelização e ao mesmo tempo desejoso de que a "inculturação do Evangelho" fosse assumida como forma inovadora de evangelizar, assim se expressou o Papa Paulo VI:

"A Evangelização perderia algo da sua força e da sua eficácia se

ela porventura não tomasse em consideração o povo concreto a que ela se dirige, não utilizasse a sua língua, os seus sinais simbólicos; depois, não responderia também aos problemas que este povo apresenta, nem atingiria a sua vida real. De outro lado, a evangelização correria o risco de perder a sua alma e de se esvaecer se fosse desnaturada quanto ao seu conteúdo, sob o pretexto de a traduzir melhor (EN 63).

Neste esforço de atender o pedido do Papa, não podemos esquecer que a Liturgia tem uma grande contribuição a dar, pois segundo os nossos bispos em Puebla, "qualquer celebração deve ter uma projeção evangelizadora" (DP 928). Tentaremos, por isso, refletir sobre a contribuição que a Liturgia poderá dar a esta "nova evangelização", ou seja, uma evangelização mais inculturada e respeitadora dos nossos povos.

### Olhando a História

Se é verdade que nos últimos tempos a preocupação pela inculturação tem sido mais presente na atividade evangelizadora da Igreja, é também verdade que não é um esforço de todo novo. Nunca foi, porém, um processo pacífico, pelo contrário, foi cheio de tensões. Que diga o Apóstolo Pedro com suas indecisões e a aberta resistência do Apóstolo Paulo (Gl 2,11). O encontro do judeu Pedro com o romano Cornélio (At 10,1-11,18) é uma outra demonstração da tensão que desde o início acompanhou o esforço de inculturação da Igreja (1). Apesar de estar muito claro em sua cabeça que ninguém é impuro e que a comunhão de mesa não é privilé-

gio de ninguém, Pedro não consegue vencer seus preconceitos culturais e não partilha da mesa de Cornélio. A carta 54 de Santo Agostinho é um outro exemplo das preocupações e tensões provocadas pelo esforço de inculturação da fé e particularmente da liturgia. Agostinho ensina que o que está claro nas Escrituras, ou o que é constante e universal na tradição, não se pode discutir. De outro lado, os "costumes" locais são livres e não vale a pena discuti-los nem gastar energias, muito menos, ferir a caridade e a paz que deve reinar entre os cristãos. Sem dúvida, a carta 54 de Santo Agostinho poderia ser lida com muito proveito por pessoas e comunidades e talvez per algumas autoridades que dão demasiada importância a detalhes que ele, Agostinho, considera sem mais, livres e possíveis de serem diferentes nas diversas situações e culturas (2). A tristemente célebre controvérsia dos ritos chineses e malabares, no século XVII e XVIII, é mais uma amostra que a inculturação não havia deixado de ser uma preocupação para algumas pessoas da Igreja, e que, ao mesmo tempo, continuava provocando tensões iguais ou semelhantes às dos primeiros tempos da Igreja.

Certamente assim acontece porque a inculturação não se resume ao conhecimento teórico a respeito de uma cultura. É preciso ser capaz de "penetrá-la" a ponto de pensá-la com seus critérios e valores. Objetivo praticamente impossível, pois ninguém é capaz de esvaziar-se de toda bagagem cultural que recebeu do berço e como que nascer de novo em outra cultura.

Não podemos esquecer também que não se pode pensar a fé em estado puro. A revelação divina aconteceu dentro de uma cultura concreta, situada no tempo e no espaço. Quando o Filho de Deus se fez homem, assumiu a cultura hebraica, ou seja, assumiu as particularidades étnicas e culturais do povo hebreu. A revelação foi feita dentro dos esquemas mentais de um povo. Se Deus tivesse se revelado no meio de um outro povo, certamente os conctitos que temos de salvação, de pessoa, de pecado, bem como de outras verdades de nossa fé, não seriam justamente os que temos agora. A pergunta que se faz é a de que se Deus escolheu determinada cultura para se revelar, não terá sido porque melhor expressava os insondáveis mistérios divinos? Se tal hipótese fosse verdade, nós não teríamos autoridade, para, segundo nossos critérios, adaptar a revelação às culturas, mas nossa obrigação seria fazer justamente o oposto: ajustar as culturas à revelação. Sem dúvida, esta dificuldade não é uma simples distração teórica, mas uma causa séria das tensões que acompanham todo esforço de inculturação.

Uma olhada na história, por isso, poderá iluminar os esforços que a Igreja hoje faz para se inculturar e inculturar a sua liturgia. A história poderá proporcionar critérios de como afrontar os riscos com criatividade, e de como amainar as tensões sem se acomodar. Assim sendo, podemos constatar que a liturgia judaica serviu de matriz para a liturgia cristã da Igreja primitiva. Se se confronta o culto sabático da sinagoga com os elementos do antigo culto cristão da Palavra, assim como

se encontram nos textos mais antigos, não se pode deixar de perceber uma evidente semelhança de estrutura, a ponto de levar os liturgistas a admitir "uma verdadeira continuidade de culto, intencionalmente querida pelos primeiros cristãos" (3).

São Justino, na Primeira Apologia, nos deixou uma descrição da Missa, que é a mais antiga da história litúrgica. Nesta descrição aparecem, no que diz respeito à parte introdutória, quase todos os elementos que constituíam o culto sinagogal, embora não na mesma ordem. Justino começa dizendo que, no dia do sol, todos os fiéis se reuniam, vindos das cidades e dos campos. Prossegue e diz: "Então se lêem as memórias dos Apóstolos e os escritos dos Profetas até que é tempo. Quando o leitor termina, o que preside toma a palavra para admoestar e exortar os presentes a imitar as boas lições ouvidas. Em seguida, levantamo-nos todos de pé e elevamos orações"... Segue a descrição da Eucaristia que se conclui com a coleta para os pobres.

Nesta descrição falta a profissão de fé (Shema) que fazia parte do culto sinagogal, e a bênção sacerdotal que a encerrava. Mas se pode dizer que todos os outros elementos se encontram.

É muito provável que o que Justino chama genericamente de "oração" compreendesse também a recitação dos salmos, o que também acontecia nas sinagogas antes das leituras das Escrituras. A liturgia do Templo marcou também a liturgia cristã. Toda dimensão sacrifical da Eucaristia tem sua raiz nos sacrifícios do Templo.

Se a liturgia judaica serviu de matriz para a liturgia cristã primitiva, a história nos faz ver também que, à medida que a fé cristã foi sendo assumida pelos pagãos, a liturgia foi também incorporando tudo o que havia de bom no paganismo. Por exemplo, após o batismo, o neófito, na sua primeira comunhão, recebia não apenas Pão e Vinho, mas também leite e mel. Hipólito relaciona este rito com a promessa bíblica de Deus aos patriarcas cujos descendentes haveriam de habitar uma terra onde haveria de correr leite e mel. Acontece que leite e mel eram alimentos oferecidos pelos romanos aos recém-nascidos em sinal de acolhida e proteção contra os espíritos malignos. Aqui, sem dúvida, Hipólito dá uma fundamentação bíblica a um rito pagão que havia sido assumido pela liturgia cristã.

A festa de Natal nada mais é do que a cristianização da festa pagã ao deus sol. A influência da cultura religiosa pagã aparece também na escolha dos dias para a celebração da memória dos mortos. Na liturgia romana os mortos são celebrados no terceiro, sétimo e trigésimo dia. Entre os sírios celebram-se os mortos no terceiro, nono e trigésimo dia, enquanto que os gregos celebram-nos no terceiro, nono e quadragésimo dia. Todas estas datas montam às tradições pré-cristãs dos povos pagãos (4).

A doutrina e a celebração dos sacramentos têm também muito o que ver com as religiões mistéricas dos pagãos, a ponto de alguns historiadores da religião, como Lietzmann e Loisy, afirmarem ser o cristianis-

mo um sincretismo mais ou menos feliz entre paganismo e judaísmo. A tanto não se pode chegar. Mas ao mesmo tempo não se pode negar que o cristianismo, ao entrar na cultura grega, tenha assumido os termos técnicos das religiões mistéricas para explicar a sua doutrina sobre os sacramentos. Odo Casel, negando ser o cristianismo uma fusão sincrética de judaísmo e paganismo, explica a presença dos mistérios pagãos nas celebrações e doutrinas dos sacramentos cristãos dizendo que os mistérios pagãos constituíram uma espécie de preparação providencial para o conceito cristão de sacramento. Os sacramentos foram instituídos por Cristo e determinados por ele no que têm de essencial, no entanto, o paganismo numa certa medida, já tinha preparado a sua aceitação, porque pelos mistérios, o paganismo já possuía algo semelhante. Desta forma os mistérios pagãos não influenciaram a origem dos sacramentos, mas preparam um quadro que o cristianismo pode preencher com a graça divina, um esquema que mostrava como a graça trazia consigo, por meios terrestres, os bens que a natureza humana tinha tentado alcançar sozinha.

Para Odo Casel, portanto, a liturgia é um culto mistérico análogo aos mistérios pagãos. Ele não nega a diferença entre um e outro. Os mistérios são mitos, a liturgia é a celebração de uma realidade histórica; nos mistérios é personificado um fato cósmico, a primavera, por exemplo; na liturgia cristã se faz presente o ato redentor de Cristo; nos mistérios tudo permanece no plano meramente natural; as exigências morais raramente se manifes-

tam; a liturgia cristã supõe e exige uma vida nova (5).

Esta rápida olhada na história mostra-nos que a Igreja e a sua liturgia não apenas assumiram costumes, mas até os esquemas mentais das culturas onde o Evangelho fora anunciado. Tal constatação assegura-nos que também hoje o Evangelho pode receber rostos diferentes e até mesmo enquadrar-se em esquemas mentais diversos. Surgirão desta forma diversas religiões cristãs e tantas outras liturgias, assim como o cristianismo e a liturgia judeu-cristã não eram iguais ao cristianismo e à liturgia dos cristãos vindos do paganismo. Será por aqui o caminho da "nova evangelização". Não pode haver uma única religião cristã, como queriam nossos abnegados missionários da primeira evangelização e os ideólogos da romanização no século passado. Tudo isso é um pouco ousado, mas acreditamos que de uma laranjeira não sairá pimenta. Da mesma forma, do Evangelho deverá brotar salvação.

# Religiosidade Popular e Liturgia

Do título do Documento de Puebla: "A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina", pode-se deduzir que os nossos bispos pretendiam traçar normas e orientações para a evangelização não apenas do presente, mas também do futuro, ou seja, para a "nova evangelização" desejada pelo Papa em São Domingos. Neste mesmo Documento de Puebla, ao falar de religiosidade popular, nossos bispos consideram-na um meio eficaz de evangelização contínua do povo.

"Para isso, é de primeira importância atender à religião dos nossos povos, não só assumindo-a como objeto de evangelização, mas também, por estar já evangelizada, como força ativamente evangelizadora" (396).

"A religiosidade popular não só é objeto de evangelização, mas também, enquanto contém encarnada a Palavra de Deus, é uma forma ativa com que o povo se evangeliza continuamente a si próprio" (450).

Quando relacionam liturgia e religiosidade popular, ainda neste mesmo Documento de Puebla, nossos bispos pensam que esta pode proporcionar àquela um dinamismo criador e uma legítima inculturação.

"A religião do povo, com sua grande riqueza simbólica e expressiva, pode proporcionar à liturgia um dinamismo criador. Este devidamente discernido, há de servir para encarnar mais e melhor a oração universal da Igreja em nossa cultura" (465).

Uma liturgia que pretenda ter uma "projeção evangelizadora" não pode por isso ignorar a religiosidade popular, mas, como pede ainda o Documento de Puebla, provocar a mútua fecundação. Tal fecundação, porém, só será possível com uma aproximação séria, competente e humilde do mundo da religiosidade popular, bem como através de um estudo atento de todos os seus elementos.

Comentando o Documento de Puebla, o Pe. Antonio Gonzalez Dorado, SJ, assim se expressou:

"Não podemos nos limitar a incorporações fáceis de alguns sinais religiosos populares na liturgia, para lhe dar um certo colorido popular e folclórico. Trata-se de dinamizar um autêntico processo de encarnação e de inculturação, de tal modo que a Palavra e a Ação de Cristo se expressem, se realizem e se manifestem com a palavra e a ação do seu povo, de tal modo que se possa dizer que Cristo e sua Igreja — isto é, seu povo na América Latina — se tornaram uma só carne e um só corpo" (6).

É preciso, portanto, conhecer a religiosidade popular a partir de suas raízes.

Nossa religiosidade tem sua origem no encontro da religião dos colonizadores com as religiões indígenas e africanas. Esse encontro gerou um tipo de religiosidade muito próprio, definido por Puebla como "um catolicismo popular", com as seguintes características:

"A religiosidade do povo, em seu núcleo, é um acervo de valores que responde com sabedoria crista às grandes incógnitas da existência. A sapiência popular católica tem uma capacidade de síntese vital; engloba criadoramente o divino e o humano, Cristo e Maria, espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e afeto. Essa sabedoria é um humanismo cristão que afirma radicalmente a dignidade de toda a pessoa como filho de Deus, estabelece uma fraternidade fundamental, ensina a encontrar a natureza e a compreender o trabalho e proporciona as razões para a alegria e o humor, mesmo em meio a uma vida muito dura. Esta sabedoria é, também, para o povo, um princípio de discernimento, um instinto evangélico pelo qual capta espontaneamente quando se serve na Igreja ao Evangelho e quando ele é esvaziado e asfixiado com outros interesses" (448).

No entanto, a liturgia só irá assumir e expressar em seus ritos e símbolos estes valores, se criar uma empatia profunda com eles. Coisa que não se faz por decreto, mas pela participação no fervor do povo. O fervor, como fala o Pe. A. Gonzales Dorado, "é uma nova categoria de conhecimento como acontece com o namoro nas relações humanas" (7). Neste aspecto, porém, temos muito que caminhar. Uma experiência feliz parece ter feito o Pe. Geraldo Leite Barros, na cidade de Escada, em Pernambuco (8). Nesta cidade, no dizer de um observador, "o popular une-se ao tradicional e o antigo ganha sabor de novo... Restabelece-se o clima de alegria, comum às festas do povo, utilizando-se constantemente de música, com ritmos populares de fácil aceitação, de gestos e cores... Celebrase não só com o intelecto, mas fundamentalmente com a emoção pela qual se deixa envolver toda a comunidade" (9).

Menos feliz é a Missa Crioula do Pe. Paulo Aripe (10). Embora o linguajar e todos os símbolos gauchescos tenham sido recuperados, reforça-se nesta missa a ideologia de classes sociais distintas e até opostas. O esquema patrão x peão, senhor x servo, fortemente presente nas orações e cantos da missa crioula, não consegue expressar o que realmente a missa é: um encontro de irmãos para o banquete na casa do Pai.

Se a liturgia na paróquia de Escada consegue fazer, principalmente da Quaresma, um tempo forte de evangelização libertadora, conforme os princípios de Medellín e Puebla, porque assume a religiosidade do povo, a missa crioula do Pe. Aripe peca pelo reforço que dá à passividade e ao fatalismo também presente na fé do povo. Não se pode esquecer, porém, que "o caminho se faz caminhando". Com experiências mais ou menos felizes chegaremos a uma fecundação rica e profunda da liturgia e da religiosidade popular, com vistas a uma nova evangelização da América Latina.

# Liturgia e Negritude

Uma liturgia inculturada no Brasil tem necessariamente de passar pela cultura negra, pois 43% da população brasileira é constituída de negros, ou tem negros em sua ascendência. Dos 140 milhões de brasileiros, não menos de 60 milhões são negros. Isto faz com que sejamos o segundo país do mundo em população de origem negra (11). Acontece que a ideologia do embranquecimento e da "democracia racial" fez com que o negro perdesse, em parte, sua identidade, principalmente o negro católico.

"Atacado na sua personalidade, ele (o negro) perdeu em parte sua identidade e se tornou presa fácil nas mãos dos que se aproveitam dele economicamente" (12).

O sentimento religioso, porém, permaneceu muito vivo na alma do negro. O povo negro continua profundamente religioso e na sua maioria católico. "A Igreja é mãe para

o negro, apesar de ter sido não poucas vezes madrasta" (13).

Uma herança importante desta ligação com a Igreja são as irmandades e confrarias. Apesar dos pesares, a religião católica foi para os negros uma oportunidade de organização e de libertação. Os senhores de escravos tinha o máximo cuidado de separar as nações africanas por medo de revolta. Numa mesma fazenda encontravam-se, desta forma, negros de diferentes culturas, línguas e religiões. Quase nada, portanto, os unia, a não ser a condição de escravos. A religião que o patrão lhes impunha, por isso, com o decorrer do tempo, passou a ser uma forma de identificação e de organização. Nos quilombos a religião oficial era o catolicismo. Nas irmandades e confrarias os negros procuravam realizar suas festas com todo o brilho e esplendor. Geralmente eram mais animadas e mais frequentadas do que as festas das irmandades e confrarias dos homens brancos. Era a forma que tinham de demonstrar, para os outros e para si mesmos, a sua força e capacidade de organização.

"Discriminado, o negro gradativamente transformará o seu catolicismo em uma forma de protesto social, racial — velado, é claro. Este protesto tomará corpo por meio de confrarias, manifestações concretas das divisões existentes na sociedade colonial" (14).

A festa era, por isso, um espaço de liberdade numa vida de escravidão. Com a festa e pela festa se alimentava o sonho de liberdade e igualdade outrora vivido na África (15).

Não resta dúvida. As irmandades e confrarias dos homens pretos conservaram muito da cultura africana e das práticas religiosas dos negros no Brasil. Elas são importantes ainda hoje por terem desclericalizado a religião colonial e terem permitido que o leigo pudesse ter vez e voz dentro da Igreja (16). A evangelização e a liturgia não podem desconhecer este e outros valores, tais como a dimensão comunitária, a não-separação entre profano e sagrado, o elemento não-verbal, a linguagem corporal (17), se quiserem realizar com êxito um trabalho de inculturação junto à comunidade negra do Brasil.

Não resta dúvida também que as irmandades e confrarias foram, para a maioria dos negros, apenas um "nicho" onde conservaram a sua verdadeira fé, manifestada mais livremente nas religiões afros após a abolição da escravidão. Este fenômeno foi tão forte, a ponto de Nina Rodrigues ter afirmado que, "durante os três séculos de escravidão, a pretensa conversão dos negros africanos ao catolicismo não passou de uma ilusão catequética" (18).

Frei Raimundo Cintra apresenta seis causas para explicar o fato:

- A própria estrutura escravagista
- A concepção missionária errônea daquela época
- A pedagogia falha ou incompleta dos catequisadores
- O fato de até missionários possuírem escravos
- Certas características do catolicismo português

6) A própria instituição de confrarias para escravos negros (19).

O candomblé, a umbanda e a macumba são, por isso, lugares de passagem obrigatória para qualquer um que queira fazer um trabalho sério de evangelização e de inculturação da liturgia junto às comunidades negras.

"A Igreja terá de desatar as suas sandálias — suas certezas — se quiser entrar no santuário africano — secularmente profanado, muitas vezes em nome do cristianismo — onde Deus se manifesta de um modo distinto do catolicismo romano..." (20).

Diante disso, o primeiro passo num esforço para uma "nova evangelização" junto ao negro, será o estudo sério e respeitoso das religiões afro-brasileiras. Veremos que elas possuem mitos e autênticos valores que podem ser identificados com os valores cristãos e que por isso mesmo podem ser assumidos pela liturgia cristã. Entre esses valores poderse-iam citar o caráter genuinamente religioso das orações e cânticos de louvor, de adoração, e de ação de graças da liturgia nagô, a dança, o envolvimento participativo da assembléia, a submissão à vontade divina, a impregnação do sagrado na vida cotidiana e o espírito comunitário. A maneira informal e paterna dispensada pelos pais de santo a seus filhos constitui, sem dúvida, outro valor muito importante para a nossa liturgia por demais formal e hierarquizada.

#### Inculturar dentro de um Processo de Transformação Cultural

Ao se falar de inculturação da liturgia pode vir à nossa mente a impressão de que estamos fazendo arqueologia, ressuscitando costumes ou querendo preservar os que estão em extinção. No entanto, se é verdade que uma reflexão sobre a inculturação da fé e particularmente da liturgia não deve esquecer os costumes e as tradições de um povo, muito menos deve esquecer que estamos vivendo num mundo em rápido processo de transformação cultural. Os meios de comunicação social, como tanques de guerra, avançam pesadamente e vão destruindo e arrancando a fé dos corações, deixando apenas vagos sentimentos religiosos, sem maiores consequências em termos de comunidade e de Igreja. Seria ingenuidade pensar que tal fenômeno fosse característica apenas da cultura eletrônica e pós-industrial do hemisfério norte. O fenômeno se faz sentir também na América Latina, com muita força, e a "nova evangelização" desejada pelo Papa não pode desconhecer esta situação. É muito comum as pessoas procurarem os sacramentos da Igreja católica, mas ao mesmo tempo, como bons filhos da cultura moderna, declararem abertamente que não pretendem assumir os compromissos decorrentes desses mesmos sacramentos. Acham que tais exigências são uma interferência indevida da Igreja em sua liberdade e individualidade que de jeito nenhum podem ser tolhidas ou prejudicadas.

A inculturação parte do pressuposto de que a fé cristã e a liturgia em particular podem ser expressas e celebradas em qualquer cultura, sem ferir a fé, nem destruir a cultura. Eis aí o desafio: celebrar numa cultura pós-cristã, cujos valores numa boa percentagem se opõem aos do Evangelho, ou a menos, não os têm como norma de vida.

Os bispos japoneses, preocupados precisamente com a evangelização de seu povo, têm aceitado fazer celebrações cristãs com pessoas não cristãs. Geralmente são pessoas que não pertencem a nenhuma religião, mas que mantêm um certo sentido religioso em suas vidas, e que em momentos importantes da vida, tais como o nascimento, o casamento e a morte, desejam vivê-los numa atmosfera sagrada e, por isso, pedem uma celebração (21).

Talvez a inculturação da liturgia em nosso mundo tecnizado e póscristão, também na América Latina, tenha de fazer este caminho que os japoneses estão fazendo em seu mundo tecnizado e pré-cristão (22). Isto vai exigir dos que evangelizam, muita sensibilidade aos tempos modernos, ou seja, capacidade de contínuas e profundas mudanças, e ao mesmo tempo, fidelidade e coerência à mensagem do Evangelho.

"A solução para o desafio que coloca a secularização não será uma espécie de redução da mensagem cristã aos paradigmas modernos, mas o enfoque dessa mensagem a partir de um ponto de vista moderno" (23).

Harvey Cox afirma que a liturgia, numa sociedade industrial e tecnizada, deve estar muito marcada pela festa e pela fantasia (24). Certamente foi também nesta perspectiva que Francisco Taborda intitulou seu livro sobre os sacramentos: "Sacramentos, Práxis e Festa", embora se proponha fazer uma teologia latino-americana dos sacramentos (25).

Os meios de comunicação social são o grande veículo dos valores e contra-valores da cultura no mundo de hoje. A liturgia que se pretenda inculturada não pode por isso igno-rá-los. Neste sentido o Documento de Puebla apresenta a seguinte diretriz:

"Incrementar as celebrações transmitidas pelo rádio e televisão, levando em conta a natureza da liturgia e a índole dos respectivos meios de comunicação utilizados" (949).

Aqui também permanece um longo caminho a se fazer. Os responsáveis pela liturgia e pelos meios de comunicação social da CNBB já fizeram alguns encontros de estudos. Um pouco de luz já brilhou, mas ainda não se pode dizer que os meios de comunicação social estão sendo usados de forma adequada no processo de evangelização e nas celebrações da fé de nosso povo.

#### Conclusão

Como síntese do que se refletiu até aqui, podemos apresentar os seguintes pontos:

1. O cristianismo nunca existiu em estado puro. Cristo armou sua tenda numa terra já habitada. Por isso seria utopia imaginar uma fé

quimicamente pura. O cristianismo sempre assumiu a cultura onde foi semeado. Correu o risco inclusive de desvios e erros. A preocupação atual de fazer uma nova evangelização, inculturando a fé e a liturgia às culturas de hoje, não pode pretender ser melhor e isenta de erros. Só Cristo se fez em tudo igual a nós, menos no pecado.

- 2. "A inculturação é um caminho difícil, porém necessário" (26). A Igreja inteira deverá se empenhar nesta tarefa. A primeira coisa a ser feita será uma mudança de mentalidade, uma conversão de muitos cristãos. Está na cabeça de muitos que a religião cristã é única. É preciso mudar e aceitar que as culturas podem ser cristianizadas sem perder sua identidade. Disto resultarão tantas religiões cristãs quantas forem as culturas evangelizadas.
- 3. O processo de inculturação vai exigir, principalmente dos agentes de pastoral, muito estudo e grande capacidade de síntese das muitas leituras e reflexões nas diversas áreas do conhecimento. Sabe-se que nenhuma ciência tem condições de resolver sozinha os problemas humanos, Vive-se hoje numa sociedade de muitos conflitos, com especialistas em todas as áreas. Poucos, po-

- rém, com possibilidades de fazer sínteses interdisciplinares. Outra exigência que o processo de inculturação faz aos agentes de pastoral é o despreendimento, a capacidade de esvaziar-se dos próprios valores e princípios culturais, para assumir os valores e princípios culturais, para assumir os valores e princípios da cultura em que prettendem semear o Evanvelho. É preciso, também neste processo, muita paciência, pois uma cultura não se conhece e, muito menos ainda, se assimila de uma hora para outra.
- 4. Em termos de liturgia, a inculturação sempre vai depender da concepção que se tem de Igreja e de Evangelização. Em todos os casos, será bom dizer que, se a Igreja em poucos anos conseguiu passar de uma língua para centenas de línguas nas celebrações litúrgicas, por que não poderá passar também da mentalidade e sensibilidade da cultura ocidental para a diversidade das muitas culturas que existem no mundo?
- 5. Não se pode, porém, esquecer que a inculturação na liturgia tem sempre como objetivo a melhor evangelização do homem de hoje. Por isso, a liturgia nem sempre é espelho da cultura, às vezes deverá ser também farol, iluminando os valores e apontando os desvios.

#### **NOTAS**

(1) SAOUT, Y. — Dieu crée une communauté sans interdits, in Cette Activité Libèratice, Nouvelles Éditions Mame, Paris, 1984. (2) ALDAZABAL, J. — Una carta de San Austin sobre la liturgia, in Phase 27 (1987) 85-112. (3) RIGHETTI, M. — Historia de la Liturgia, vol. II, BAC, Madrid. 1956. (4) JUNGMANN, J. A. —

L'Influence du Paganisme sur le Culte Chrétien, in La Liturgie des Primiers Siècles, Les Éditions du Cerf, 1962. (5) JUNGMANN, J. A. — Mystères Paiens et Mystères Chrétiens, in Op. Cit. (6) DO-RADO, A. G. — A Incorporação da Religiosidade Popular na Liturgia, in Adaptar a Liturgia, Tarefa da Igreja, Ed. Pau-

linas, 1984. (7) DORADO, A. G. - Op. Cit. (8) BATISTA FILHO, F. G. - Um retiro popular de 40 dias, Ed. Paulinas, 1987. (9) BATISTA FILHO, F. G. -- Op. Cit. (10) ARIPE, P. — A Igreja nos Galpões, III Volume, Ed. do autor, 1983. (11) CNBB — Campanha da Fraternidade 1988, Texto-Base. (12) MIRA, J. M. L. — A Evangelização do Negro no Período Colonial Brasileiro, Ed. Loyola, São Paulo, 1983. (13 SILVA, A. A. — Perspectivas de uma liturgia inculturada a partir das experiências dos Agentes de Pastoral negros (Conferência pronunciada num seminário sobre liturgia e inculturação em São Paulo). (14) MIRA, J. M. L. — Op. Cit. (15) MIRA, J. M. L. — Op. Cit. (16) MIRA, J M. L. — Op. Cit. (17) POEL, F. Van Der - O Rosário dos Homens Pretos, Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1981. (18) CINTRA, R. — Candomblé e Umbanda, o desafio brasileiro, Ed. Paulinas, 1985. (19) Idem: (20) MIRA, J. M. L. - Op. Cit. (21) LO-

PEZ-GAY, J. -- Un rito cristiano para matrimonios no cristianos. Una experiencia de la Iglesia del Japon, in Ephemerides Liturgicae, 93 (1979) 505-514. (22) Seria ingênuo pensar que a América Latina, só porque vive numa situação de subdesenvolvimento, esteja imune às influências da cultura pós-cristã dos países do hemisfério norte. Basta olhar os modismos em termos de vestes, corte de cabelos, músicas, etc. que se refletem quase que imediatamente junto de nossos jovens. Com as modas vêm também as preocupações filosóficas e teológicas. (23) AZEVEDO, M. C. — Modernidade e Cristianismo, desafio à inculturação, Ed. Loyola, 1981. (24) COX H. - A festa dos Foliões, Ed. Vozes, 1974. (25) TABORDA, F. — Sacramentos. Práxis e Festa, Ed. Vozes, 1987. (26) JOÃO PAULO II — Discurso pronunciado em 17 de janeiro de 1987 ao Pontifício Conselho para a Cultura.

#### Três perguntas

#### 1. O que é recepção do Vaticano II?

Processo capilar de assimilação do Concílio na fé e na vida. Trata-se pois, de conhecimento teórico dos documentos e das normas, em sua letra e em seu espírito e de acolhida concreta e real no exercício histórico e vivencial da fé.

#### 2. Neste caso, o que é mais importante, a letra ou o espírito?

Mais importante é a assimilação criativa da experiência espiritual nas suas dimensões mais profundas e abrangentes, pois isto molda uma nova identidade para a Igreja.

#### 3. Cite cinco grandes documentos do Vaticano II.

Vou citar quatro Constituições e um Decreto: (1) Lumen Gentium, sobre a Igreja. (2) Dei Verbum, sobre a Palavra de Deus (3) Sacrosanctum Concilium, sobre a Liturgia. (4) Gaudium et Spes, sobre a Igreja no mundo de hoje, uma sociedade dinâmica e em permanente evolução. (5) Perfectae Caritatis, sobre a atualização dos Religiosos, onde se propõe tratar "da vida e da disciplina dos Institutos cujos membros professam a castidade, a pobreza e a obediência e prover às necessidades deles, segundo as exigências dos tempos atuais", (Pe. Marcos de Lima, SDB).

## A ESPIRITUALIDADE DA IGREJA DOS POBRES

Espiritualidade é o modo pelo qual uma pessoa conduz sua vida na realidade concreta, na atuação de sua liberdade no nível individual, social e transcendental.

#### Irmã Ivanise Bombonatto, FSP

Quando os romeiros se dirigem ao Santuário de Nossa Senhora da Aparecida para pedir uma graça ou para pagar uma promessa; quando o pobre diz resignado: "Se Deus quiser", certamente, estas pessoas expressam uma espiritualidade simples e ao mesmo tempo profunda. Elas não discutem a fé e os valores. Seu modo de agir é a expressão e o símbolo de uma cultura, de um jeito de viver, de um modo de ser Igreja ainda muito comum na maioria do povo brasileiro.

Como qualquer expressão de espiritualidade que nasce do povo, também este modo de viver a fé tem suas forças e suas limitações, sofre os condicionamentos da cultura e das condições sociais.

Entretanto, vivemos num momento de profundas transformações culturais, sociais, econômicas e políticas. Neste contexto, o Espírito Santo que conduz a história está suscitando, na Igreja e no coração de muitos fiéis, novas exigências em relação ao modo de viver a fé, num mundo em transformação, dominado pela injustiça e em busca de libertação.

A espiritualidade é hoje uma palavra que suscita esperanças, atrai atenção, é considerada um "método" para fazer uma teologia ligada à praxis. Ela não é uma ciência ou uma prática a mais dentro da Igreja; é a seiva da pastoral, da teologia e da comunidade, qualquer que seja o seu modelo.

O processo de busca de um novo modo de ser Igreja traz consigo o desafio e a necessidade de um novo modo de viver a fé, de uma nova espiritualidade encarnada no compromisso, capaz de motivar as lutas e interpretar a experiência humana e cristã hoje.

Mais do que delinear os horizontes desta espiritualidade, o que é praticamente impossível, queremos refletir sobre ela e descobrir seus elementos característicos, reportando-nos, sobretudo, a uma realidade central do novo modo de ser Igreja, as CEBs, e ao Documento Final do Encontro Nacional realizado em Trindade, Goiás, nos dias 21 a 25 de julho de 1986.

#### 1. Um enfoque histórico

A palavra Espiritualidade é considerada por muitos filha da modernidade. Começou a ser empregada a partir do século XVII, em ambientes religiosos franceses, que viviam, então, um momento de grande riqueza em contribuições e obras sobre o assunto. A partir daí, tudo o que se refere à perfeição cristã começou a ser denominado vida espiritual e a reflexão sobre ela constituirá a teologia espiritual (1).

Na Bíblia, não se encontra uma "teoria" sobre a espiritualidade, mas existem os conteúdos, especialmente em São Paulo. Frequentemente, ele convida os fiéis a "viver segundo o Espírito" (2), a viver "na santificação perfeita: o ser inteiro, o espírito, a alma, o corpo" (3). Com estas exortações, Paulo queria sintetizar o estilo de vida do cristão, entendida como vida dominada pelo Espírito do Ressuscitado, como vida dos membros da Igreja, como abertura existencial a toda a humanidade, como esperança de plenitude futura para os homens e para o universo (4).

Este programa de vida é, fundamentalmente, um projeto existencial. Portanto, falar de espiritualidade — ou de experiência espitual, de vida espiritual, de caminho de santificação — quer dizer falar de vida cristã que se desenvolve, se consolida até a maturidade, segundo as leis do crescimento antropológico, psicológico e do mistério da graça.

Entretanto, as correntes gnósticas do século II e III começaram a acentuar a supremacia do espírito sobre os aspectos materiais. E então, "espiritual" começou a significar separação de tudo o que é material e psíquico.

A partir desta distinção, deste dualismo, a "vida espiritual opõe-se à vida material, corporal, sensível. Será, pois, a atividade do homem enquanto espírito, opondo-se à vida sensível vegetativa. Será a vida da inteligência e da vontade" (5).

Este dualismo vai influenciar a espiritualidade durante séculos, criando sulcos profundos dos quais ainda hoje temos dificuldades de nos desvincular.

A espiritualidade não se restringe aos aspectos assim chamados religiosos e do culto. Ela não é algo setorial, mas sim algo total, que envolve toda a pessoa, no seu caminhar para Deus.

#### 2. Compreensão e abrangência

No sentido bíblico, o homem possui duas tendências: uma para a vida, outra para a morte. A tendência para a vida chama-se espírito, a tendência para a morte chama-se carne. Portanto, falar em espiritualidade é falar na tendência do homem para a vida plena. Homem espirtual não é aquele que se ocupa das coisas do espírito no sentido grego, mas sim aquele que tende para a vida (6).

Em muitos textos de Paulo, espírito designa a pessoa na sua totalidade. "O Senhor esteja com o teu espírito" (7), vale dizer, contigo. Trata-se do ser humano considerado globalmente, visto a partir do seu dinamismo, a partir do sopro que move a sua conduta.

Por conseguinte, a espiritualidade não pode ser reduzida a atos espirituais, práticas sacramentais, devoções, rezas e fórmulas piedosas. É a maneira concreta de viver a fé, o reordenamento dos grandes eixos da vida cristã em função do hoje que nos toca viver, fiéis aos desafios que nele suscita o Espírito (7).

Espirtualidade é o modo pelo qual uma pessoa conduz sua vida na realidade concreta existencial, na atuação de sua liberdade no nível individual, social, transcendental. É o modo de viver diante do Senhor em solidariedade com os irmãos.

Analisando a história, percebe-se que a espiritualidade nunca acontece como uma atividade isolada da teologia, da pastoral, das condições sociais e culturais. E isso porque uma de suas tendências — não a única — é precisamente a de motivar os fiéis a partir do seguimento de Jesus. E esse seguimento adquire matizes, exigências e temas renovados em coerência com a missão e com as experiências humanas dos fiéis. Se a vida de Cristo e o Evangelho são sempre os mesmos, as experiências e opções que inspiram sua vivência são sempre históricas e, portanto, variáveis.

Como modo concreto de viver a fé, a espiritualidade é histórica. Cada época da história matizou e sintetizou de modo diferente suas experiências de seguimento e de santidade em virtude da cultura, das idéias teológicas dominantes e do modo de ser Igreja.

A cultura influe na espiritualidade: nas verdades e valores que são enfatizados ou subestimados por ela, na forma de expressar a "linguagem total da fé", na interpretação e na simbologia da experiência cristã (8).

Os processos históricos e os acontecimentos sociais em que os cristãos se encontram envolvidos e comprometidos em uma determinada época ou lugar também constituem um fator que caracteriza a espiritualidade. Representam um chamado de Deus para certas opções e certos valores evangélicos que vão configurando nas comunidades cristãs, fiéis aos desafios, uma determinada forma de espiritualidade (9).

#### Espiritualidade e modelo de Igreja

A espiritualidade sempre teve uma estreita relação com o modelo de Igreja. A Igreja tridentina, voltada quase exclusivamente para dentro, para si mesma, entendida como única portadora de salvação para os homens, Igreja essencialmente clerical, gerou uma espiritualidade indivualista, baseada em práticas de piedade, dualista. Caracterizada sobretudo pela "devotio moderna".

Estamos em busca de um novo modo de ser Igreja. Se a espiritualidade permanecer tradicional, coerente com outra visão de fé e de missão e incoerente com as novas expressões eclesiais, não terá força de motivação, se tornará irrelevante, e acabará por ser abandonada. "Uma mística que não nutre a experiência humana deixa de ter significado. Uma espiritualidade alheia ao modelo eclesial vivido leva à crise de "esquizofrenia" cristã (10).

Coerente com o novo modo de ser Igreja, estamos em busca de um novo modo de viver a fé, de uma nova espiritualidade que motive e alimente a vida cristã vivida num mundo em constantes mudanças, dominado pela injustiça, em busca de libertação.

Na Igreja católica, as mudanças profundas que levam a novos modelos se dão por integração e não por ruptura. A idéia de ruptura na reforma da Igreja implica em cortar a seiva, a vida de Cristo que é vida da Igreja. Significa construir outra espiritualidade sem continuidade com a anterior e por isso sem raízes, sem identidade nem autenticidade.

A idéia de integração é mais própria para descrever o que acontece com a reforma espiritual da Igreja, que sempre conserva o que havia de válido nos modelos anteriores, renovando-os segundo o novo contexto. A espiritualidade católica passou por modelos históricos diferentes, mas sempre conservando as riquezas da tradição anterior e renovando seus valores permanentes.

Isso requer um discernimento às vezes difícil, razão pela qual foi sempre fonte de discrepância e de controvérsia, sobretudo em mo-

mentos de transição de modelos. Embora ofereça a garantia de manter a unidade, criar consenso e educar na fé, em um novo contexto, o modo como a Igreja muda integrando — faz também com que os processos de transição de modelos sejam longos e sempre incompletos. Assim, não há um modelo histórico puro. Nenhuma renovação espiritual chega, realmente, a toda a Igreja. Modelos caducos costumam perdurar durante séculos e modelos cronologicamente próximos costumam coexistir em épocas de transição.

# 4. "Um jeito novo de toda a Igreja ser" exige um novo modo de viver a espiritualidade

O Documento Final do Encontro Nacional das CEBs, intitulado "CEBS, povo de Deus em busca da terra prometida", representa um ponto de convergência e de síntese das experiências e conflitos, dos desafios e esperanças, das lutas e valores vividos nestas pequenas sementes de transformação que são as CEBs.

Tendo por base esse Documento, queremos colher os elementos que emergem como característicos deste novo modo de viver a fé, desta espiritualidade vivida a partir da Igreja dos pobres.

### 4.1. A palavra de Deus como alimento cotidiano

A Palavra de Deus é a fonte primordial da espiritualidade cristã porque gera a fé. Para São Paulo, a fé vem da pregação da Palavra de Deus (11). Para Jesus, o autêntico seguidor é aquele que escuta a Palavra, a acolhe e a põe em prática (12). Na parábola do semeador, Jesus afirma que o "fruto espiritual" é proporcional à acolhida da Palavra de Deus (13).

"A experiência cristã mostra que aquilo que mais mantém e torna fervoroso na fé é ouvir, nas condições adequadas, a Palavra de Deus, em qualquer uma das formas nas quais a Igreja no-la apresenta: a proclamação da vida da comunidade, a pregação, as exortações, os retiros, as reuniões, as formas de catequese, a liturgia" (14).

Nas CEBS, "a Palavra de Deus, lida a partir da realidade do povo e celebrada na comunidade, é alimento que nos sustenta para o serviço do amor e para o compromisso da fé com a caminhada do povo. A Bíblia é companheira e parceira de luta, sempre presente, como água do rio que carrega o barquinho das CEBS" (15).

O povo reunido no Encontro das CEBs reconhece a importância da Bíblia e afirma: "A Bíblia é um livro que nos ensina a sermos solidários com aqueles por quem Deus tomou partido: os fracos, os pobres, os marginalizados. Nesse sentido, a Bíblia nos convida a nos engajarmos na luta pela concretização de uma sociedade de partilha, de justiça e de liberdade. Ela pode ser compreendida como uma ferramenta no processo de libertação. A Bíblia é luz que permite ter uma visão mais clara das ideologias e das estruturas, bem como perceber qual o projeto de Deus sobre o momento histórico que estamos vivendo" (16).

#### 4.2. A experiência do Deus de Jesus no processo histórico, a partir do pobre

A espiritualidade é um relacionamento vital com Deus, é um caminhar em liberdade segundo o Espírito de amor e de vida. Este caminhar se inicia a partir de um encontro profundo com o Senhor, a partir de uma experiência de Deus.

Esta experiência de Deus não é feita tendo como cenário a tranquilidade de um convento, o verde de um bosque, o silêncio de um claustro. É feita junto ao povo que sofre, na luta pela transformação da sociedade. Não é uma experiência de Deus individualista, mas comunitária, é um povo que caminha para a libertação.

Afirmar que a experiência do pobre é parte da espiritualidade cristã significa dizer que o amor eficaz pelo pobre, o serviço solidário para com ele, não constitui somente uma experiência sociológica ou pedagógica, cultural ou política, mas também uma experiência religiosa — a experiência de Jesus.

A experiência cristã tem dois "lugares" fundamentais: a própria pessoa de Jesus, contemplado na oração, e o próximo, cujo serviço por amor também constitui uma experiência de Cristo (17). Esses dois modos de encontrar a Deus correspondem à dupla dimensão do amor cristão aos dois modos como Jesus se revela a nós segundo o Evangelho.

As CEBs vivem a certeza da presença de Deus no processo histórico, a partir do pobre. "Deus está conosco, ele que chama Abraão para ir em busca da terra. Chama Moisés para libertar o povo do Egito e conduzi-lo para a terra onde corre leite e mel. De Jesus temos a promessa: "Estarei convosco até o fim dos tempos!" Ele disse: "Coragem, eu venci o mundo!" (18).

## 4.3. O compromisso e a luta pela transformação da sociedade

No passado, a vida cristã era concebida como uma fuga do mundo para entregar-se à contemplação divina. Para muitos cristãos, o trabalho humano era empecilho para a vida cristã. Apesar da prática da reta intenção e do dia oferecido a Deus, a maior parte dos cristãos conservava a idéia de que o trabalho no escritório, na fábrica ou em qualquer outro lugar era algo que atrapalhava a adoração.

Hoje, ao invés, acentua-se o fato de que Deus não distrai o nosso olhar do trabalho que ele mesmo nos impôs, pois representa um meio de comunhão onde é possível encontrar Deus. Todos e particularmente os que fizeram uma experiência de fé devem sentir-se empenhados na construção de um mundo melhor, se não quiserem reduzir a religião a uma alienação.

Na espiritualidade não há duas experiências de Deus: na oração e no irmão. O que experimentamos é o Deus único de Jesus, na oração solitária, na eucaristia, na luta pelos direitos do pobre e nas diversas formas de misericórdia. Por isso, permanecer diante de Deus na ora-

ção significa fortalecer o compromisso fraterno; por sua vez, esse compromisso ajuda a purificar progressivamente a experiência de Jesus na oração.

Esta é a proposta das CEBs. O Documento Final do Encontro diz: "As lutas do povo são como fontes de água que brotam do chão, viram o riachinho que desce do morro até se transformar em rio. E o rio, com a força de Deus e a união do povo, vai crescer até levar de roldão a velha sociedade construída em cima da exploração do povo" (19).

#### 4.4 A dialética morte-vida

No seguimento de Jesus, o que está primordialmente em jogo é a dialética morte-vida. Crer que Jesus veio trazer a vida em plenitude é crer num Deus vivo que dá vida aos homens e quer que eles vivam na verdade.

Para a Igreja e para o homem, a opção mais fundamental da fé é esta: estar a favor da vida ou da morte; servir a vida ou ser cúmplice da morte.

O Documento das CEBs afirma: "Mas o povo não cede diante das mortes, não se amedronta. Ele está lutando em defesa da vida. E sua luta está minando o poder dos grandes. Eles têm que enganar o povo, para ver se conquistam a legitimidade" (20).

Na dialética entre o sistema opressor e o Deus que liberta, entre a morte que simula o dominador e o Deus da vida, se esboça um caminho para seguir Jesus, para ser seu discípulo. Jesus não deve ser pro-

curado entre os mortos, porque ele está vivo. Procurá-lo entre os vivos é escolher a vida. O testemunho do ressuscitado alimenta os esforços libertadores do povo por afirmarem seus direitos irreversíveis à vida.

Toda a libertação tem um preço a ser pago; uma morte e uma ressurreição que devem ser assumidas com serenidade evangélica. A ressurreição é vivida com um momento em que triunfa a justiça, em que o povo vence a luta e faz a vida mais digna de ser vivida. É a ressurreição de Jesus em marcha como imenso processo de libertação que ganha corpo na história. Isso é celebrado e vivido como força de presença do Espírito no seio da história.

#### 4.5. Relação vital com Deus, numa oração crítica, histórica e política

Nas CEBs, o povo reza a própria vida das pessoas, os sofrimentos e as alegrias, a Cruz e a Ressurreição. Como Jesus, estar diante do Pai em favor dos irmãos. Assumir uma oração crítica que aponte para a superação do sistema e assuma suas contradições. Diante da realidade dos fatos não fechar os olhos dizendo que tudo está bem. Rezar os conflitos da vida.

É preciso descobrir um modo de transformar a vida em oração e a oração em vida, em experiência de Deus. "Não se pode ficar só na oração. Com a conscientização da ligação Fé-Vida, as CEBs sabem que estão trabalhando pelo Reino de Deus, por uma sociedade nova" (21).

Este tipo de oração leva a crer vivamente na força do Espírito que age nos humildes e sofredores, faz nascer uma visão contemplativa da história, da qual somente Deus é o Senhor.

#### 4.6. Um novo tipo de santidade

O santo não é apenas o asceta, o fiel observador das disposições divinas e eclesiásticas, aquele que penetra no mistério sacrossanto de Deus. Tudo isso conserva seu valor.

Entretanto, estamos descobrindo que santos não são só os que abandonam o mundo, mas também os que se comprometem mais profundamente com suas ambigüidades, com suas lutas. Mais do que lutar contra as próprias paixões, luta-se politicamente contra a dominação. As novas virtudes se expressam pela solidariedade, pela participação, na entre-ajuda, na crítica ao abuso do poder, no suportar a difamação, a perseguição por causa da justiça.

Estes novos santos, conhecidos ou não, encarnam a afirmação bíblica de que "conhecer a Deus é praticar a justiça", como assegura Jeremias (22) e muitas outras passagens semelhantes.

No Encontro das CEBs, teve lugar especial a celebração dos mártires, daqueles que foram mortos na luta pela libertação do povo da opressão e da dominação.

O povo tem consciência de que "Um mártir é um testemunha da fé. Ele não luta pela própria vida, mas por uma causa que o ultrapassa: a vida do povo e o Evangelho de Jesus Cristo. Ele não é um indi-

víduo, mas é um símbolo da luta de um povo todo. Ele não é o violento; é o violentado. Os mártires nos dão coragem, força e esperança. Eles despertam a força da união para uma ação solidária na construção de uma nova vida" (23).

"Os mártires são semente de nova vida. Sementes que já estão germinando. Eles são uma luz que mostra o caminho. O sangue é como a luz da ressurreição. Os mártires nos abrem os olhos para tirarmos as cercas de nós. O martírio é um sinal de que a Igreja, Povo de Deus, está no caminho certo" (24).

Diante da realidade do martírio, do povo reunido brota um grito em favor da vida: "Não queremos mais mártires. Chega de mártires. Porque o martírio significa que não existe ainda justiça. E também porque é melhor um líder vivo do que morto" (24).

#### Conclusão

É impossível delimitar o horizonte deste novo modo de viver a fé, a partir das CEBs. Tentamos aqui refletir sobre alguns elementos característicos que estão emergindo. Permanecem, entretanto, alguns desafios:

- \* Como superar a dicotomia e estabelecer uma ligação entre matéria e espírito, fé e vida, contemplação e empenho político, relação com Deus e com os irmãos?
- \* Como realizar uma síntese orgânica e uma unidade dialética entre os elementos característicos que estão emergindo neste novo modo de viver a fé?
- \* Como recuperar os valores da espiritualidade popular e estabelecer um encontro entre religiosidade popular e liturgia eclesial?
- \* Como descobrir a mensagem espiritual presente num mundo em profundas transformações, nas ciências humanas, nas situações sóciopolíticas, nas conquistas tecnológicas?

O processo de transformação está envolvido no mistério de Deus presente na história e, não obstante os sinais dos tempos que podemos ler no presente, o futuro permanece imprevisível.

#### BIBLIOGRAFIA

(01) BOFF, Leonardo. Vida segundo o Espírto. Editora Vozes, Petrópolis, 1982. (02) CIPOLINI, P. Carlos. A identidade da Igreja na América Latina. Editora Loyola, São Paulo, 1987. (03) GALILEA, Segundo. O caminho da espíritualidade, Edições Paulinas, São Paulo, 1984. (04) GALILEA, Segundo. As Raízes da espíritualidade latino-americana. Edições Paulinas, São Paulo, 1984. (05) GALILEA, Segundo. Renovação e Espiritualidade. Edições Paulinas, São Paul

lo. 1982. (06) GUTIÉRREZ, Gustavo. Beber no próprio poço. Editora Vozes, Petrópolis, 1984. (07) LIBÂNIO, João Batista. Teologia da Libertação. Editora Loyola, São Paulo, 1987. (08) PAOLI, Arturo. Viver segundo a verdade. Editora Vozes, Petrópolis, 1987. (09) SOBRINO, Juan. Ressurreição da verdadeira Igreja. Editora Loyola, São Paulo, 1982. (10) VV.AA. Vida e Reflexão. Edições Paulinas, São Paulo, 1987. (11) VV. AA. Nuovo Dizionario di Spiritualità.

Edizioni Paoline, Roma, 1979. (12) Revista Eclesiástica Brasileira, Fasc. 156, Dezembro 1979. Editora Vozes, Petrópolis. (13) Vida Pastoral, Novembro-dezembro 1986. Edições Paulinas.

#### NOTAS

(1) Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. BEBER NO PRÓPRIO POÇO, pp. 62-63. (2) Cf. 1 Cor 2,13: Gl 5,25; Rm 8,9. (3) Cf. 1 Ts 5,23. (4) Cf. Rm 8. (5) Citado por GUTIÉRREZ, op. cit. p. 10. (6) Cf. BOFF, Leonardo. VIDA SEGUNDO O ESPÍRITO, pp. 41 ss. (7) Cf. VV.AA. VIDA E RE-FLEXÃO, pp. 18-19. (8) Cf. GALILEA,

Segundo. O CAMINHO DA ESPIRITUA-LIDADE, p. 34. (9) Cf. Id., Ib., pp. 38 ss. (10) GALILEA, Segundo. Op. cit. p. 12. (11) Cf. Rm 10,14ss. (12) Cf. Mt 7,21ss; Lc 11,27. (13) Cf. Mt 13,1-23. (14) GA-LILEA, Segundo. Op. cit. p. 84. (15) CEBs, povo de Deus em busca da terra prometida, nº 5. (16) Vida Pastoral, Novembro-dezembro 1986, p. 6. (17) Cf. Mt 25,40. (18) CEBs. povo de Deus em busca da terra prometida, nº 16. (19) Nº 10. (20) Nº 14. (21) Vida Pastoral, novembro-dezembro 1986, p. 2. (22) Cf. Jr 22,13-16. (23) Vida Pastoral, novembro-dezembro, p. 19. (24) Vida Pastoral, novembro-dezembro, p. 20.

#### Algumas observações. Pequenas observações.

- "Um leproso chegou perto de Jesus", Mc 1,40. O ENCONTRO que à morte contrapõe a vida, uma proposta para voltar a viver. O encontro que cura a doença e mata a solidão do desprezo, da segregação e da maldição social.
- 2. "E pediu: se queres, podes curar-me", Mc 1,40. O PEDIDO que manifesta a fé no poder de Jesus. Pedir sempre. Não deixar de pedir. JESUS é o senhor da vida e da morte, da saúde e da enfermidade. Pode não vir o milagre, mas certamente, virão o médico adequado, o remédio exato, a boa reação do corpo, o tempo propício para a iluminação de Deus.
- 3. "Se queres...", Mc 1,40. E se Deus não quiser? É tudo muito misterioso na vida humana! Então, com certeza, estamos sendo convidados a participar da paixão do Senhor. Convidados a integrar na própria vida as forças da morte, na convicção da fé, de que a partir de Jesus, a morte foi vencida e está vencida. Nossa cruz e nossas cinzas serão semente de ressurreição.
- 4. "Jesus, cheio de compaixão...", Mc 1,41. Não ser duro. Não ficar insensível. Mais importante do que ver milagres é converter o coração e abri-lo e sensibilizá-lo para o serviço, uma extraordinária maneira de amar.
- 5. "Estendeu a mão e tocou nele", Mc 1,41. Contra a lei que proibia, Jesus obedeceu ao coração que prescrevia. Gesto de particular afeto. Afeição unida à misericórdia todo-poderosa. Poder e compaixão só em Deus convivem juntos. E o poder está a serviço da misericórdia. Por isso, o milagre acontece (Pe. Marcos de Lima, SDB).

# A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS: ACENOS HISTÓRICOS E DESAFIOS ATUAIS

A Igreja latino-americana que passa a sua latinidade pela indianidade, negritude e pobreza de seu povo, pode assumir uma nova evangelização e forjar uma Igreja ecumênica, pobre e missionária.

#### Pe. Paulo Suess

São Paulo, SP

#### I. HERANÇA CONTRADITÓRIA

Uma avaliação qualitativa, porém superficialmente sumária, da evangelização nas Américas poderia considerá-la como um "tiro que saiu pela culatra". As práticas dos mensageiros da fé ficaram, muitas vezes, aquém das esperanças que suscitaram pela pregação da Boa Notícia de um Deus que é amor e justiça. C.G. Jung fala em enantiodromia, quando propósitos ou ideais se convertem em seu contrário. A história da vida religiosa coletiva e invidual acumulou muitas experiências a este respeito. Como explicar, para citar um exemplo, a prática escravocrata de uma ordem que foi fundada para redimir os escravos (1)? Nenhuma ordem ou congregação religiosa ficou, no decorrer da história, livre deste fenômeno de enantiodromia. E quanto mais severa a Igreja e seus missionários se mostravam no "combate ao pecado", mais pecadores se tornavam. Basta ler os

relatos sobre a "extirpação da idolatria" e as atas da inquisição (2). E o zelo mal iluminado tanto como os pecados desta nossa Igreja causaram muitos sofrimentos.

#### Vicissitudes da história

O Documento de Puebla (n. 6) faz uma alusão discreta a esta realidade: "A evangelização, como tarefa humana, está submetida às vicissitudes da história..." E João Paulo II, no seu encontro com representantes de povos indígenas, em Fenix, USA, no dia 14 de setembro de 1987, assumiu esta realidade ao declarar: "A opressão cultural, as injustiças, a destruição da vossa vida e das vossas sociedades tradicionais precisam de ser reconhecidas (...). Agora, somos chamados a tirar lição dos erros do passado..." (3).

Qual é essa lição? Sobre a obra missionária paira a sombra de uma dupla "inutilidade": a da ineficácia e da incoerência. Contra a ineficácia poder-se-ia agitar a bandeira do "continente católico", que América Latina estatisticamente é. E os dados quantitativos ("superabundância da messe") poderiam ser reforçados com argumentos qualitativos emprestados do baú de uma questionável teologia da história ("espírito da época") ou da cruz ("felix culpa") para explicar o genocídio indígena e a escravidão negra. Nesta lógica, os erros do passado não só são justificáveis, se converteriam até em acertos de um "final feliz" no continente católico.

#### Inserção solidária

O Evangelho não fala neste sentido da inutilidade do servo (Lc 17,10) e da eficácia da palavra de Deus no julgamento (Hb 4,12). A "evangelização colonial" revelou a eficácia da fé na caridade (Gal 5,6), revelou o amor de Deus Pai aos povos em Jesus Cristo, numa ação historicamente solidária para com estes "incapazes", "inúteis" e "desnecessários"? Em Jesus Cristo, o amor de Deus é palpável e concreto, assume a vida e a história dos povos e os acompanha até as últimas consequências. Diante destes critérios radicais de inserção ("assunção") e solidariedade ("redenção"), fundantes do cristianismo e da ação missionária, somos, hoje - sem generalização indevida e sem esquecer-nos de biografias heróicas — obrigados a reconhecer a ineficácia em matéria de inculturação e a incoerência em matéria de solidariedade. Como explicar prosperidade eclesiástica ao lado do genocídio indígena, senão através de uma solidariedade bastante frouxa?

A Igreja, além de ensinar aos povos a aceitarem a carregar a cruz colonial, foi também causadora desta cruz. Nas suas portas barrouse e destruiu-se a alteridade étnica e religiosa. O "continente católico" sem Igreja autóctone é um indicador de que o índio, ao ser cristão, tinha que abrir mão de sua indianidade. Seus deuses foram desqualificados como ídolos ou demônios e suas crenças foram "extirpadas" como idolatrias. As armas indígenas eram frágeis e seus aliados tímidos diante da possibilidade do conquistador de poder impor as "novas verdades" com o fogo dos canhões. A transformação dos povos indígenas com nomes próprios em latinoamericanos, hoje genericamente "nacionalizados" como brasileiros, peruanos ou guatemaltecos, não era uma transformação evangélica ou uma mutação espontânea, mas era ato de destruição colonial.

Tudo isso há de ser reconhecido e somos chamados a "tirar lição dos erros do passado". Ao constatarmos a ineficácia e incoerência parcial da ação missionária não nos fazemos juízes ou mestres de gerações passadas. Entre os evangelizadores cresce a consciência da própria ineficácia e incoerência frente aos compromissos coletivamente assumidos pela Igreja latino-americana, frente à causa do outro e à opção pelos pobres. Tampouco se consideram pregadores messiânicos ou porta-vozes apocalípticos do terceiro milênio, de um cristianismo do "Evangelho eterno" de inspiração de Joaquim de Fiore (1130-1202), que marcou a visão de muitos missionários do século XVI. No fundo desprezam os milenaristas — sejam de Castela ou

Portugal, da Itália ou Polônia — a história e sobreestimam nela o seu papel "providencial" (4).

Acreditamos, sim, que o sofrimento do passado e as lutas indígenas por sua sobrevivência não foram em vão; que a contribuição da Igreja missionária na América Latina em defesa dos povos indígenas, hoje, onde esta Igreja é mais pobre menos poderosa, possa ser mais evangélica através do seu serviço solidário e da sua presença despojada. Todavia, nem a pobreza em si nem o discurso sobre ela garantem já uma visão e prática evangélicas, como mostram os ataques verbais de um Frei Motolinía, o pobre, contra Las Casas, e como mostram também, muitas vezes, "eleições democráticas" em regiões de miséria.

#### Boa Nova pela metade

Muitas perguntas inquietam não só o historiador distanciado, mas também o missionário exposto ao mesmo risco da ineficácia e incoerência dos seus precursores. Por que tanto heroísmo evangélico, tanta pobreza real vivida pelos frades, tanto despojamento e zelo missionário não foram capazes de defender melhor os povos indígenas e os escravos negros, de estreitar mais os laços de solidariedade, de fazer do Evangelho realmente uma Boa Notícia integral, sem dividi-la numa bandeira defensiva contra os abusos dos conquistadores seculares e numa bandeira agressiva de uma conquista espiritual?

Se logramos, a partir das "vicissitudes" destes 500 anos de evangelização, iluminar melhor as tarefas

do presente e as exigências do futuro, então agradecemos isso, sobretudo, à resistência dos povos indígenas contra o colonialismo político e religioso e contra a sua integração sumária no Estado e na Igreja. Assim, os índios (e os negros) obrigam a Igreja latino-americana a radicalizar o seu serviço no chão dos pobres com rosto indígena e nome próprio de Guarani, Mapuche, Shuar, Miskito e Maya. Como as Igrejas paulinas não foram cópias da Igreja de Jerusalém, assim também as Igrejas da Ameríndia não serão meras cópias das Igrejas européias, não serão suas filhas nem suas alunas, mas suas irmas mais jovens e suas companheiras diferentes.

#### II. ACENOS HISTÓRICOS

#### Primeiros conflitos

O cristianismo dos primeiros habitantes das Américas foi o cristianismo dos navegantes, conquistadores, comerciantes, aventureiros e missionários, todos reunidos numa única cristandade. Um leque tão diversificado e contraditório de práticas cristãs só podia causar confusão entre os autóctones e produzir conflitos de interesses entre as frações cristãs. Os conquistadores, de imediato, queriam o ouro. Os colonos logo exploraram a mão-de-obra indígena na busca dos metais preciosos e das drogas do sertão, na produção de alimentos, nos engenhos de açúcar, nas fazendas de gado, nos trabalhos domésticos. No diário de sua primeira viagem, Cristóvão Colombo fala 77 vezes de ouro. Para conquistadores e colonos, os índios eram o caminho para descobrir e explorar a riqueza deste continente; para os missionários, os índios também eram caminho, "primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão" (5). Lutas pela autenticidade e prioridade do caminho, mesmo entre os missionários, eram inevitáveis. Um índio principal, depondo num processo da Inquisição, resume bem esta situação:

"Os frades de São Francisco têm uma maneira de doutrina e uma maneira de vestido e uma maneira de oração; e os de São Agostinho têm outra maneira; e os de Santo Domingos têm outra, como todos vemos. E assim era entre os que guardavam os nossos deuses (...). Em cada povo tinha sua maneira de sacrifícios e sua maneira de orar e de oferecer, e assim o fazem os frades e os clérigos que ninguém ajusta entre si" (6).

Missionários religiosos reconheceram logo a incompatibilidade da exploração com a gratuidade e da servidão com a liberdade do Evangelho. Se opuseram aos abusos da conquista e lutaram pela justiça na conquista. São os profetas, os mártires e os santos padres da Igreja latino-americana, como Antônio de Montesinos, Bartolomeu de las Casas, Martinho de Porres, Pedro Claver, José de Anchieta, Antônio Valdivieso e muitos outros (7). Lutaram no interior do sistema colonial pelos "direitos humanos", como hoje diríamos. Nunca foi toda a Igreja que defendeu os índios, os negros e os pobres. Mas nunca também a Igreja toda deixou de defender esta gente. O que hoje interessa, no campo da evangelização, não é

a defesa das boas intenções dos missionários, mas a qualidade e o alcance da defesa indigenista missionária do século XVI e sua articulação com a "ideologia missionária".

As primeiras lutas pela justiça na conquista espanhola das "Indias Ocidentais" estão muito ligadas à conquista e cristianização das Antilhas e à Ordem dos Pregadores (8). Os dominicanos, que chegaram nas Américas 17 anos depois de religiosos de outras ordens (minimita, franciscano, hieronimita), já tinham adquirido uma secular experiência e autoridade missionária e universitária em defesa da fé e na propagação da verdade na Europa, inclusive no campo da Inquisição, quando, em 1510, aportaram na Espanhola (hoje Haiti e República Dominicana). A prática missionária de um só ano era suficiente para os dominicanos chegarem à conclusão de que a justiça para com os índios faz parte da verdade catequética. O pecador do "mundo novo" não é o pagão indígena, mas o colonizador cristão: "Vós todos estais em pecado mortal", diz Antônio Montesinos no seu sermão profético do quarto Domingo de Advento de 1511. O pregador se considera "voz do que clama no deserto" (Is 40,3; Mt 3,3) (9).

A salvação dos índios compromete a salvação dos cristãos e dos próprios missionários. Assim os dominicanos da Espanhola pedem mais tarde ao rei que "mande juntar todos seus Conselhos (...) e lhes pergunte como se poderia trazer esta gente do Novo Mundo, que Deus deu a V.M., ao jugo suave de Cristo (...) sem lhes tomar as suas coisas por força (...). E se para isso todos os seus Conselhos não sabem dar nenhum conselho (...) suplicamos que V.M. os mande deixar, porque é muito melhor que somente eles vão para o inferno do que se vão os nossos e eles" (10).

A "voz do deserto" dos missionários e as "vozes do eldorado" dos
conquistadores e colonos recorrem
aos reis católicos da Espanha, que se
aproveitam dos dois: dos missionários para pôr em ordem a sua consciência e dos colonos para pôr em
ordem as suas finanças. A "conciliação" de interesses inconciliáveis
perdurará durante toda a cristandade.

#### Esperanças apocalípticas

A ação missionária dos dominicanos em São Domingos, nas Antilhas e na Terra Firme representou para os conquistadores, colonos e a administração real um certo complicador. Os franciscanos pareciam mais jeitosos, menos "obcecados" com a justiça para com os índios e mais "preocupados" com a sua pobreza e, sobretudo, dotados de um zelo verdadeiramente" missionário pela conversão rápida dos índios. Os frades menores desfrutavam, como nenhuma outra ordem, da confiança do rei e da Santa Sé (11). Cristóvão Colombo morreu, em 1506, em Valladolid, com o hábito de um terciário franciscano (12). E Frei Turibio Motolinía organiza em honra de Hernan Cortez procissões de ação de graça, quando este, a 19 de junho de 1526, regressa de Honduras. Motolinía considera Cortez um homem da providência divina como Moisés e Constantino: "Mesmo se como homem foi pecador, teve fé e fez obras de um bom cristão.

(...) Confessava-se com muitas lágrimas e comungava devotamente" (13). É muita complacência para com um homem que com certo orgulho comunicou ao rei que sua tropa, a caminho de Tenochtitlan, a cidade de Moctezuma, passando por Cholula, matou em poucas horas "mais de três mil homens" (14). Os que depois de dois ou três dias desta chacina de Cholula ainda apareceram com vida por baixo dos mortos, escreve Las Casas, "chorando diante dos espanhóis, suplicandolhes misericórdia e vida (...) não encontraram neles nem piedade nem compaixão alguma e foram todos cortados em pedaços" (15). Na bandeira de Cortez, porém, estava escrito: "Amigos, sigamos a cruz de Cristo, e se em nós houver fé, venceremos neste sinal".

A afinidade entre o conquistador e o frade pobre e zeloso não era simplesmente de origem oportunista ou de mera "conveniência" entre a razão eclesiástica e os interesses coloniais. Havia por trás o projeto convergente de um milenarismo político-religioso, que estava disposto, para a sua instalação, a aceitar um certo grau de violência. O fim da violência seria a "pacificação" e a "salvação", seria a criação de uma "Nova Espanha", e não a simples cópia da velha metrópole. Por isso entra em conflito com o projeto meramente reprodutor e expansionista.

Para os franciscanos dos primeiros séculos desde a fundação da sua ordem, radicais na fidelidade subjetiva às inspirações do seu fundador, tanto a pobreza como a conversão do "mundo" eram condições prévias para o triunfo universal e definitivo de Cristo. A conversão da Asia mongol, a conversão dos mouros, a conversão dos judeus e a reconquista da Terra Santa para a fundação da Nova Jerusalém — cada uma destas empresas envolvia a violência de exércitos e a pregação apocalíptica dos franciscanos. Para eles, conversão e pobreza eram imperativos de uma Igreja apostólica e exigências do Reino escatológico. Nem sempre os frades menores distinguiram entre Igreja e Reino, o que causou confusão nos métodos e objetivos da sua atuação missionária (16).

#### Influência de Joaquim de Fiore

A mística franciscana de pobreza e conversão encontrou nos escritos de Joaquim de Fiore — por vezes discreta, por vezes explicitamente presentes nas discussões entre "conventuais" e "espirituais" — um certo apoio ideológico (17). Segundo Joaquim de Fiore há uma correspondência entre o Antigo e o Novo Testamento. A história joaquinita se desenvolve em três grandes períodos. Ao tempo da "letra do Antigo Testamento" — de Adão a Cristo e sob a regência de Deus Pai - seguiu o "tempo da letra do Novo Testamento" — o tempo da Igreja secular e dos sacerdotes, sob a égide de Cristo até o século XIII. O último tempo é o da "compreensão espiritual"; é o tempo da Igreja espiritual, guiado pelo Espírito Santo que atua através dos religiosos. Este tempo será o terceiro milênio que só pode ser instaurado após a destruição da "nova Babilônia", que é a Igreja sacerdotal e hierárquica, e após a conversão e o desaparecimento dos que ainda não conhecem ou reconhecem o Cristo (mouros,

judeus, pagãos). O terceiro milênio será um reinado monástico do "Evangelho eterno", da caridade pura, da comunhão dos bens e dos pobres. A Nova Jerusalém será construída pelos pobres (18).

Esta mística joaquinita milenarista moveu os missionários franciscanos que vieram ao México, na sua maioria proveniente da ou influenciada pela província reformada de San Gabriel de Estremadura, onde se viveu a "estrita observância". Seu fundador, Frei Juan de Guadalupe, conseguiu, em 1519 — no mesmo ano em que Cortez, na Sexta Feira Santa, entrou em terras mexicanas -, o reconhecimento da independência desta província franciscana, escapando assim, por um certo tempo, das interferências episcopais, imperiais e das "moderações" dos próprios confrades conventuais.

O primeiro provincial de San Gabriel, Frei Martín de Valência, liderou também, já com 50 anos de idade, o grupo dos "Doze Apóstolos" que veio à Nova Espanha, a pedido de Cortez, para converter os "infiéis" do México conquistado. Dos dez anos de vida, que lhe ainda restavam, Frei Martín ficou seis anos como custódio/provincial deste novo território, que mais tarde se tornaria a província do "Santo Evangelho", e quatro anos guardião em Tlaxcala. Dos "três intérpretes que Frei Martín teve, todos vieram a ser frades", nos relata Frei Motolinía, um dos Doze, a respeito da eficácia missionária do seu superior (19).

A conjuntura histórica do século XVI era extremamente favorável para uma utopia articulada entre a

visão joaquinita da história, a prática franciscana de San Gabriel, sempre em busca das origens apostólicas do cristianismo condensado no binômio "pobreza e conversão", e o papel apocalíptico de "um novus dux de Babylone" atribuído a Cortez, o espírito comunitário, a pobreza e a simplicidade dos índios sua bondade natural contrastando, na primeira literatura missionária, com a avidez e cobiça dos espanhóis — pareciam sinais evidentes da iminência do terceiro milênio, ou, na "revelação extática", que Martín de Valência teve, da "última idade do mundo".

A ação missionária franciscana era uma obra apostólica no sentido joaquinita da correspondência entre o antigo e o novo: no dia da conversão de São Paulo partem doze frades, sob o impulso do Espírito Santo, para a conversão dos últimos pagãos aos confins do mundo, onde a sua "Província do Santo Evangelho" se tornaria o núcleo inicial do milênio messiânico (20). Com os Doze atravessaram as esperanças proféticas e apocalípticas o oceano. Não eram esperanças espiritualizadas ou transcendentalizadas, mas esperanças de uma urgência histórica, de um "hoje se cumpriu tudo isso", como na sinagoga de Nazaré, de uma autoridade profética: "Farei de ti luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra" (Is 49,6).

A mística profética encorajava os frades a colocar o quinto reino do sonho de Nabucodonosor numa correspondência histórica com o "reino de Cortez" e com o "quinto sol"

dos astecas: "No tempo desses reis o Deus do céu suscitará um reino que jamais será destruído, um reino que jamais passará a outro povo" (Dn 2,44) (21). Ao mesmo tempo serviu o Deutero-Isaías (Is 40-55) para consolar os índios diante das ruínas do seu império, de esclarecê-los sobre a nulidade dos seus ídolos e sobre as trevas nas quais habitavam, e de despertar esperanças de um novo projeto histórico.

#### "Indio-criança", batismo em massa

Na literatura missionária da época, encontramos, muitas vezes, um índio idealizado, que causa expectativas e exigências irrealistas para uma "Igreja indiana". Na raiz desta idealização está o índio submisso e maleável, o "índio-criança". Frei Motolinía idealiza a pobreza dos índios como um sinal escatológico e um instrumento salvífico:

"Estes índios quase não têm estorvo que os impede para ganhar o céu (...), porque sua vida se contenta com muito pouco (...). Sua comida é muito paupérrima, e o mesmo é o vestido. Para dormir, a maior parte deles não tem nem uma boa esteira. Não adquirem ou guardam muitas riquezas, nem se matam para alcançar postos ou dignidades. (...) São pacientes, sobremaneira capazes de sofrer, mansos como ovelhas (...) e não sabem servir e trabalhar" (22).

Os frades menores se consideravam os "padres desta mísera nação" de índios menores e abandonados, "que nos foram encomendados como filhos e crianças pequenas para que, como tais, os criemos, doutrinemos, amparemos, corrijamos, e os conservemos e aproveitemos na fé e na civilização cristã.

(...) Postos em sujeição e obediência, não há gente nem nação mais
dócil no mundo, que esta para os
que lhe querem ensinar e mandar;
e no contrário não há feras mais indômitas na selva que eles, postos no
seu querer e liberdade" (23).

Ao transformar-se o frater em pater, o Frei se torna tutor de menores e a fraternidade degenera para a tutela. Na catequese — na memorização de orações, sacramentos e mandamentos — haverá então pouca diferença entre adultos e crianças. Inclusive as crianças se tornavam os catequistas preferidos para crianças e adultos, cantando os mistérios, memorizando as orações e ajudando os frades a descobrirem os ídolos que ainda havia nos povoados (24).

A "emergência histórica e salvífica" e a "bondade e maleabilidade natural" dos índios fizeram os franciscanos optarem pelo batismo de massas. Frei Motolinía calcula que, até 1536, houve cinco milhões de batizados (25). Por causa desta "pastoral sacramental de emergência" surgiram logo discussões acirradas com os dominicanos sobre uma catequese pré-batismal adequada. Numa carta ao presidente e ouvidor do Conselho das Indias, o dominicano Andrés de Moguer se queixa sobre os frades menores:

"Os mui reverendos padres de São Francisco, imitando os santos apóstolos, tomaram e ocuparam de quatro partes da terra três, não tendo religiosos bastante para isso, porque em povoados que precisavam

de dez ou doze ministros, se contentam em ter um ou dois. (...) em outros lugares... com uma missa anual se contentam; (...) que doutrina poderiam dar aos índios" (26)?

Motolinía, por sua vez, em sua já citada carta a Carlos V, denuncia Las Casas de exigir "muitas condições de preparação para o batismo, como se só ele soubesse mais que todos, e certamente aquele índio que caminhou três ou quatro dias) estava bem preparado (...); e não sei que achaque teve que não quis batizar o índio, e deixou-nos e se foi. Eu então disse a Las Casas: como padre, todo o vosso zelo que alegas ter com os índios se resume em trazê-los carregados (com a papelada de processos e escrituras contra os colonizadores), e andar escrevendo vidas de Espanhóis e fatigando os índios (...), pois um índio não batizais nem doutrinais..." (27).

E Motolinía prossegue acusando Las Casas de não ter aprendido a língua dos índios, de conhecer pouco os seus ritos e costumes, e, depois de ter destruído a sua diocese de Chiapas "no temporal e no espiritual", ter abandonado o seu rebanho como um mercenário para se tornar procurador e protetor dos índios na Corte. A pobreza radical e o imediatismo apocalíptico fizeram os frades menores, às vezes, cegos para as lutas de justiça acopladas a uma pastoral de médio e longo prazo. Os índios tomaram, geralmente, e para o desgosto dos dominicanos e agostinianos, partido pelos franciscanos. O povo até hoje não gosta de muitas exigências prébatismais em forma de "cursinhos" ou "palestras"............

#### Frades tutores

Como realizar o projeto históricoapocalíptico sem copiar o modelo metropolitano, como criar a "Nova Espanha" e a "última idade" sob as ameaças do "mundo velho"? Para lograr isto, deve-se, no entender dos franciscanos, rigorosamente separar os dois mundos, no campo religioso, econômico e político. São duas repúblicas "que nunca farão uma boa habitação" (26). A nova cristandade, composta pelos índios sob a liderança religiosa e política dos frades, será — nos sonhos dos missionários de San Gabriel — algo qualitativamente distinto da velha cristandade; será a volta ao cristianismo primitivo dos tempos apostólicos; será "a melhor e mais sana cristandade e sociedade do mundo inteiro" (29).

Desde cedo, os frades de todas as ordens lutaram para a separação das terras indígenas, as duas espadas, os dois poderes, o temporal e o espiritual. Vasco de Quiroga, primeiro bispo de Michoacan, fala da policia mixta que ele deve realizar nos seus "povos hospitais da Santa Fé" (30). E o modelo das reduções uma síntese entre convento e educandário a tempo integral — que, mais tarde, vai dar continuidade microestrutural ao fracassado plano global de uma Nova Espanha. Foi a policia mixta, o poder espiritual e temporal na mão do superior das Missões e Reduções, que possibilitou uma certa defesa dos índios, sua prosperidade econômica e administração teocrática. Expulsos os padres das Reduções, 200 anos mais tarde, os "índios-crianças" foram presa fácil dos "bandeirantes e desbravadores" do continente inteiro.

#### Política lingüística:

Uma arma importante para a separação das "duas repúblicas" foi a barreira lingüística reforçada pelos religiosos, em geral. Nos primeiros tempos, em colégio franciscano, se aprendia sobretudo latim e náhuatl. Os frades ajudaram a fazer do náhuatl a língua geral do México, escrevendo gramáticas e criando uma vasta literatura. Também no Peru foram missionários que escreveram as primeiras gramáticas da língua geral da zona andina, o Quêchua. A língua dos Guarani, no início dos séculos XVII chamada "Língua Geral da Província do Paraguai", continua, naquele país, até hoje falada pela maioria da população, que porém rejeita, por causa disso, ser reconhecida como "indígena". No Brasil do século XVI, ao longo do litoral de São Paulo até o Nordeste, falou-se a língua dos índios Tupinambá, um século mais tarde chamada de "Língua Brasílica" (31). É uma constante que os missionários procuravam manter e ampliar as barreiras lingüísticas. Isso favorecia a sua política da policia mixta de proteção e tutela e as suas atividades catequéticas. Mas a língua indígena representava, no decorrer dos séculos, sempre também uma arma de defesa e resistência dos próprios índios. Logo mais, a administração colonial percebeu isso e tomou medidas restritivas frente às línguas indígenas. Uma Cédula Real de 7 de junho de 1550, de Valladolid, é taxativa:

"Como uma das principais coisas, que nós desejamos para o bem desta terra, é a salvação, instrução e conversão a nossa Santa Fé Católica dos naturais dela, e que também tomem nossa civilização e bons costumes, e assim tratando dos meios que para este fim se poderiam aplicar, há parecido que um meio destes e o mais principal seria dar ordem que a esta gente se ensinasse nossa língua castelhana... e para que isto se comece a pôr em execução, escrevemos aos Provinciais das Ordens de Santo Domingo, São Francisco e Santo Agostinho, que (...) mandem por todas as vias possíveis aos ditos índios ensinar a nossa língua castelhana" (32).

A hispanização é apresentada como um instrumento da salvação. Por isso exige-se a colaboração dos religiosos. Os porta-vozes da integração colonial e nacional procuram até hoje impor a sua verdade também na sua língua. O Diretório, que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão" de 3 de maio de 1757, onde Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal e na época Governador do Maranhão e Grão-Pará, retoma o poder temporal dos religiosos, organiza as aldeias indígenas baixo do governo de diretores civis, que tratarão da "direção" e da "economia" dos índios, "como se fossem seus tutores" (n. 92). O "Diretório Pombalino" considera a "língua geral" da Amazônia uma "invenção verdadeiramente abominável e diabólica" e impõe a obrigatoriedade da língua portuguesa (n. 6). Contra a "odiosa separação" (n. 80) dos religiosos que deixou os índios na suposta barbaridade e privou os moradores e o Estado da utilidade do trabalho indígena, o Diretório propõe "civilidade", "cultura" e "comércio" (n.

3) como meios para alcançar "estabelecimento", "opulência" e "total felicidade" como tim (n. 95.) (33). Cem anos mais tarde, Tavares Bastos relata a situação real que surgiu em decorrência dos tutores civis:

"O diretor de índios é seu ladrão oficial. A portaria de nomeação de diretor, dizia-me um antigo navegante do Solimões, é uma carta de crédito; com ela o novo diretor apresenta-se ao negociante da cidade, pede um abono de mercadorias, sob promessa de pagar com o produto do trabalho dos índios, que colhe a borracha, a salsa, a castanha, e recebem do diretor uma insignificante parcela das mercadorias abonadas. O índio não percebe salário em dinheiro: a permuta de gêneros é o meio de roubá-los" (34).

Com o afastamento dos religiosos ou com a sua substituição no campo temporal por funcionários da colônia ou mais tarde do Estado Nacional, não só nada melhorou como se iniciou uma época de exploração econômica e descaracterização cultural sem precedente.

#### "Nova Espanha", cópia da Espanha velha

A presença da Igreja junto aos povos indígenas tinha e sempre terá uma conotação altamente política. Ela é sujeita a políticas globais e acomodações conjunturais. Assim também os franciscanos de inspiração milenarista fazem progressivamente a experiência da acomodação histórica, onde os "radicais" não acomodados de ontem não só se tornam "sinal de contradição", mas

são considerados "peso morto" para o vôo com os novos ventos.

Em 1528 chegou Frei Juan de Zumárraga, ofm, o primeiro bispo do México, com amplos poderes no direito civil e criminal. Em 1529, por ocasião da Primeira Audiência de México, os franciscanos se vêem acusados de um "complô", por causa de um suposto envio de armas a Cortez "rebelde" e seus amigos. Em várias "informações judiciais", Frei Motolinía, inclusive com o serviço "relevante" de confrades, é acusado de tramar a expulsão dos soldados e colonos espanhóis da Nova Espanha e de pretender formar um governo autônomo subordinado diretamente ao imperador.

Em março de 1530, a Audiência mandou tirar dois prisioneiros do tribunal eclesiástico. Em consequência desta violação do "asilo eclesiástico", o bispo Zumarraga mobilizou o povo numa procissão até as portas da cadeia pública exigindo a devolução dos prisioneiros indígenas. Quando a Audiência mandou executar um deles e mutilar outro, Zumarraga decretou a suspensão "a divinis" da cidade e os frades se retiraram com as crianças internadas no seu convento (35).

Na policia mixta da república indiana, reivindicada pelos frades, não haveria necessidade de Audiências, ouvidores, e, a rigor, nem de bispos. Um vice-rei, com poder absoluto, deveria governar estas terras com os religiosos como seus executivos no campo administrativo e judicial. Em 1535, com o estabelecimento do primeiro vice-rei de Nova Espanha, Antônio de Mendoza, os frades parecem mais uma vez perto da reali-

zação dos seus sonhos milenaristas. Iniciam, em função destes, um trabalho etno-histórico sem precedentes.

Em 1536, Frei Toribio Motolinía inicia, a pedido dos seus superiores, seu trabalho etnográfico e etno-histórico. No mesmo ano é inaugurado o Colégio da Santa Cruz de Tlateloco, destinado a transformar os filhos da antiga classe dirigente nos dirigentes da Nova Espanha. Em 1541, Frei Martín de La Coruna redige a Relación de Michoacán. Em 1542 se publicam, no México, as Leis Novas, bastante razoáveis aos índios, que Las Casas, em 1544 nomeado bispo de Chiapas, deverá implantar. Frei Andrés de Olmos termina, em 1547, sua Arte da Língua Mexicana, e, um ano mais tarde, Frei Motolinía é eleito vice-provincial e depois provincial dos franciscanos. Em 1558, Frei Bernardino de Sahagun inicia a pedido do seu superior, Francisco de Toral, sua grandiosa obra etno-histórica em língua náhuatl. A obra missionária parece correr de vento em popa.

Logo mais, porém, surgiram conflitos sobre o dízimo eclesiástico. Para os franciscanos, como Motolinía, o dízimo significava a reprodução do modelo metropolitano e a traição das suas esperanças apocalípticas. Em 1550 escreve ao rei:

"Se deste pouco, que os índios colhem, se ainda pede os Dízimos, o que será deles? Bem seria que V.M. entendesse que estes índios vivem na extrema pobreza (...)".

Ao segundo vice-rei escreve, a respeito de um dízimo eclesiástico, quatro anos mais tarde:

"(...) de nenhuma maneira convém que esta gente dê mais do que um tributo. (...) Não sabemos para que pedir mais dízimos dos índios, porque com razão, os bispos destas partes, se deveriam mais olhar para o proveito das almas do que para ter opulência do mundo causando vexames para estes pobres naturais" (36).

Também os Concílios Provinciais Mexicanos (1555, 1565, 1585) representam um desaquecimento destas esperanças, um corte dos privilégios dos religiosos e um ajustar-se às práticas pós-tridentinas da Europa. Em 1558, Frei Motolinía é encarcerado por seus próprios confrades por causa de uma carta-informe que escreveu ao imperador e, ao sair da prisão, um ano mais tarde, cai, até a sua morte em 1569, no silêncio obsequioso de quem perdeu com os novos rumos político-religiosos o direito de ser ouvido. Ele era o último dos Doze.

Logo mais, outro frade menor, Bernardino de Sahagún, vai perder com o direito de escrever também os seus escritos, quando, por ordem de Filipe II, de 1577, estes são seqüestrados e declarados nocivos para a fé e periculosos para a colônia. A intenção declarada das respectivas Cédulas Reais é fazer esquecer os "erros" do passado. E como cresce nesta época a opinião que todo o passado indígena era um erro e uma mentira, se procede para fazer perder toda a memória do passado.

Também a legislação eclesiástica do Terceiro Concílio Provincial Mexicano (1585) não visa mais a Igreja indígena, mas a cópia possível da Igreja tridentina. No Brasil, se tenta séculos mais tarde a implantação da Igreja tridentina.

#### III. DESAFIOS ATUAIS

Ao percorrer os primeiros caminhos da evangelização na América Latina não perambulamos como turistas por ruínas arqueológicas que testemunham civilizações destruídas. Tampouco repisamos estes caminhos como Sísifos condenados à repetição absurda, sem conseguir livrar-nos do peso morto da pedra do passado. Comemoramos, sim, a presença dos povos indígenas nas portas das Igrejas, que eram pequenas para lhes garantir, lá dentro, cidadania plena. Esta presença ante portas é sinal da impossibilidade da convocação do "povo messiânico" para o interior ou organizar, numa convivência simbiótica, ao lado de um projeto colonial. Os povos indígenas deste continente impedem que esta Igreja missionária e colonizadora hoje vista o manto do vencedor e a obrigam, evangelicamente, a cobrir-se com o pano roxo do penitente ou, em solidariedade com eles, com a veste vermelha dos mártires. Os povos autóctones, expulsos das suas terras ou encurralados e explorados nelas, fazem as Igrejas redescobrirem o mistério do Exodo, o sofrimento do Exílio e a alegria de ser povo-de-Deus peregrinante com a meta do Reino (cf. Lumen Gentium, n. 9). Ter percorrido caminhos falsos é perdoável, instalar-se num beco sem saída seria pecado contra o Espírito Santo.

#### Ação específica e global

Os Doze Frades de 1524, ao admitir mais tarde as "duas Repúblicas", a dos índios e a dos espanhóis, primeiramente separados pelo oceano, depois já em terras americanas, acomodaram as suas perspectivas milenaristas e apocalípticas ao horizonte estreito da razão política vigente. Quem pensa a causa do Reino não pode admitir a "Igreja indiana" paralela à "Igreja ibérica" com suas respectivas Repúblicas políticas. A "voz do deserto" não clama para convocar à convivência em "oásis no deserto", mas para pregar a conversão do mundo.

O trabalho missionário é sempre uma ação específica com uma perspectiva global. Para acertar no campo específico, exige-se do missionário a inserção num determinado contexto social e a inculturação numa cultura particular de um povo. O específico, porém, não divide a causa global da libertação. "Inserção" e "inculturação" são instrumentos da "libertação" com seu horizonte universal. O Verbo se encarnou por causa da nossa salvação (libertação integral). Numa fase de reconstrução da identidade de um povo, porém, pode legitimamente acontecer que a especificidade adquira mais peso que a globalidade. Por via de regra não se trata de um "racismo dos oprimidos", como a organização sindical tampouco é um sinal de um hermetismo da classe operária. Neste sentido, as Doutrinas e as Reduções permitiram com todas as interferências dos missionários — a proteção da alteridade e a afirmação da identidade indígena.

A consequência lógica das "duas Repúblicas" é a criação destes oásis no deserto ou ilhas de salvação no mar agitado do colonialismo, onde os índios devem ser amparados e protegidos pelos missionários. Estes consideram os índios "frágeis", não "amentes", porém "infantes", não "incapazes" para receber o batismo, porém só parcialmente capazes de se autogovernarem.

#### Sujeito histórico

Os governadores "natos" destas "ilhas", Doutrinas, Reduções ou Reservas seriam os missionários. No seu conceito pedagógico sobressai o índio-criança. Conquistam estas "crianças" com carinho e severidade e, sobretudo, com presentes. Ao referir-se à conquista jesuítica, A. Métraux chama a atenção para "a importância dos presentes que pavimentam o caminho da salvação" (37). Os religiosos oferecem a sua paternidade como proteção e a sua tutela como defesa. Como em casa, onde os pais têm uma autoridade integral, assim os frades exigem para com os povos indígenas em geral, a policia mixta, o poder espiritual e temporal. Sua proposta é e permanecerá por muito tempo ainda medieval. A divisão dos poderes, o mundo moderno conquistará a partir de J. Locke (1632-1704) e Montesquieu (1689-1755), contra a teocracia dos religiosos e contra o absolutismo dos príncipes. Nem o dominicano Las Casas, nem o franciscano Motolinía pensavam mobilizar os índios como sujeitos históricos. Tampouco tiveram a possibilidade de jogar, a não ser ocasionalmente, com a "carta romana", que estava marcada com "p" de padroalo e "d" de decadência.

O único contemporâneo de Las Casas e Motolinía, que foi capaz de

mobilizar o povo como sujeito histórico, era o "herege" Thomas Muntzer (1490-1525), também ele de inspiração apostólica joaquinita e milenarista. Na sua interpretação bíblica afirma que o objetivamente necessário — a devolução do poder político ao povo —, por corresponder à vontade de Deus, é também o subjetivamente possível: "O reino e o império e as grandezas dos reinos sob todos os céus serão devolvidos ao povo..." (Dn 7,27). "Esta guerra não é vossa, mas de Deus" (2Cr 20,15), escreve no seu manifesto aos mineiros de Mansfeld (26-4-1525), onde — como os primeiros dominicanos nas Antilhas atribui à prática da justiça uma função propedêutica indispensável para o "discurso sobre Deus": "Não se pode falar a vocês de Deus, enquanto estes vos governam" (38). Depois de uma batalha sangrenta foi capturado, torturado e, a 27 de maio de 1525, decapitado. Seu fim e o dos camponeses que lhe seguiram permitem, com todo cuidado, algumas conclusões sobre aquilo que teria acontecido nas Américas, caso os religiosos não tivessem apenas sonhado, mas se realmente empenhados numa "guerra santa" por uma "República indiana autônoma".

#### Resistência

A presença missionária como tal, nas circunstâncias coloniais, já é um sinal dos dentes indígenas politicamente quebrados. A resistência indígena posterior à conquista é caracterizada por heróicas e isoladas tentativas destinadas ao fracasso político. Na ocupação da Amazônia, por exemplo, foram os povos indígenas mais aguerridos, como os

Omágua e os Manaus, os primeiros a serem extintos. Mesmo um movimento popular mais amplo, basicamente composto por mestiços e tamuios (índios destribalizados), porém ideologicamente desarticulados, como a Cabanagem (1834-1837), na então Comarca do Alto Amazonas e Provincia do Pará, não teve, diante das armas inglesas e do governo central, a capacidade de transformar sua força social rebelde em projeto político viável. A resistência indígena, hoje, só tem perspectiva política numa aliança estratégica ampla com o movimento popular. Os povos indígenas do século XX uma população que soma nas três Américas cerca de 45 milhões de pessoas — existem politicamente porque subsistiram e resistiram por cinco séculos, sobretudo culturalmente.

Hoje não podemos, sem mais nem menos, invocar os missionários que lutaram no decorrer da história pelos direitos humanos dos índios — o subjetivamente possível — como "teólogos da libertação". A luta pelos "direitos humanos", às vezes a única luta possível, pressupõe sempre uma certa acomodação aos respectivos sistemas, embora possa ter o seu peso político numa situação de anomia de fato, explícita ou latente.

O índio politicamente tutelado pelos religiosos — e certamente esta tutela era mais suave que qualquer tutela por funcionários do Estado — era também "religiosamente" tutelado por eles. O batismo em massas dos primeiros franciscanos, em detrimento de uma catequese mais prolongada, tem suas origens num "abreviamento do

tempo" apocalíptico", por um lado, e entre os missionários sem afinidade milenarista, como os dominicanos ou, mais tarde, os jesuítas, na necessidade salvífica deste batismo, sem ter o suficiente número de missionários. Na prática, todos receberam o batismo, que o pediram. E como o batismo era --- e muitas vezes ainda é — um ato que garantiu o "estatuto antropológico" do índio, todos o pediram para não mais ser considerado "bicho do mato". A "política batismal" dos índios era também um ato de resistência passiva.

#### Capacidade indígena

Já o sacramento da ordem, desde o início da ação missionária latino-americana, foi confiado a poucos. Depois dos Concílios Mexicanos (1555, 1565 e 1585) e Limenses (1551/52, 1567/68, 1582/ 83, 1591), os índios foram praticamente excluídos da ordenação sacerdotal: "Tampouco se admitirão às ordens os índios ou mestiços ou descendentes de índios, como no caso dos mouros, no primeiro grau, nem mulatos no mesmo grau", reza o Terceiro Concílio Provincial Mexicano (39). Assim se dividiu a capacidade do índio numa capacidade passiva de receber os sacramentos indispensáveis para a salva-10 — conforme as bulas Veritas Ipsa e Sublimis Deus (1537) de Paulo III — e uma capacidade ativa de exercer o ministério qualificado da ordem sacerdotal, que lhes foi negada. Com isso, a dependência da "Igreja Indiana" e a nãoinculturação da Igreja romana, espanhola e portuguesa venceu canônica e praticamente sobre os

primeiros esforços de criar, uma outra, uma "Nova Espanha", não como cópia da velha. Desde os documentos da Junta Eclesiástica Mexicana de 1539 se percebe todo um esforço de "desarraigar a idolatria" e de disciplinar as festas cristãs proibindo as danças e os convites aos povos vizinhos. É evidente que as "festas cristãs" reativaram a memória das festas celebradas, in illo tempore, antes da conquista. A partir daí, os escritos missionários sobre o passado dos índios se revestem de um assenhoramento do passado, que logo mais será substituído por uma amnésia compulsória pela destruição destes escritos e os vestígios que ainda restavam do passado religioso dos índios.

#### Memória recuperável

Hoje sabemos que não podemos pensar numa Igreja indígena sem recuperar esta memória da clandestinidade ou do esquecimento. A história de cada povo faz parte da sua história de salvação. A canonização da história de Israel não pode anular a "preparação evangélica" em todas as culturas. A ruptura evangélica — a conversão e reinterpretação do passado — não pode ser confundida com a provocação de amnésia e a destruição do fundo histórico da identidade. Como pode este passado religioso dos povos indígenas confluir num rio-mar verdadeiramente católico que se alimenta de muitas fontes, riachos e cataratas? Futuro com rumo certo só tem quem conhece seu passado e vive de suas raízes, sem alimentar nativismo morto. Em Israel eram os profetas que representavam a memória viva do povo. Seus reis eram homens sem memória. Neste sentido, o trabalho missionário assume hoje uma dimensão profética: procura as raízes do passado e abre caminhos para o futuro.

#### Herança colonial

Herdamos dos 500 anos de evangelização problemas e desafios que, teoricamente, hoje conseguimos talvez analisar com um pouco mais de clareza que nossos precursores no campo da evangelização. Na prática, porém, estamos diante de muitos impasses herdados que ainda estão na carne e na cara da Igreja como quistos e rugas e dos quais alguns teólogos acham que já fazem parte da identidade histórica das Igrejas. Como reivindicar a autodeterminação dos povos no campo político, se no campo ministerial e sacramental ainda praticamos a tutela colonial? O que é realmente "de fide" e o que é "de cultura" na prática sacramental, na estrutura ministerial e na conceituação teológica da nossa fé? Como resmungar sobre a dependência das multinacionais e o neocolonialismo dos respectivos Estados nacionais, se no interior das Igrejas a unidade é confundida com uniformidade cultural e dependência cultural que considera a inculturação — o mistério da encarnação historicamente situado uma ameaça à unidade e, por conseguinte, a reduz a uma adaptação folclórica? Onde está escrito que os mistérios da fé para os povos indígenas e para o Terceiro Mundo em geral têm que ser também — na dependência de códigos culturais europeus — mistérios culturais?

Vale a pena ler e reler o que Claude Lévi-Strauss escreveu em "Raça e História" sobre a polaridade entre o movimento universalista e particularista da nossa época, onde adverte para "nunca esquecer que nenhuma fracção da humanidade dispõe de fórmulas aplicáveis ao conjunto e que uma humanidade confundida num gênero de vida único é inconcebível, porque seria uma humanidade petrificada" (40).

#### Potencial convocatório

Colonialismo e paternalismo ameaçam a credibilidade das Igrejas, limitam a meta da sua "missão universal" e comprometem o seu potencial convocatório, que devem como serviço aos oprimidos. Num continente porém, em que nenhuma ideologia indianista e nenhum discurso indigenista consegue aglutinar os povos indígenas, cresce a responsabilidade da Igreja — consciente do seu passado e das suas tentações específicas — de ser "luz" e "sal" não só na articulação dos índios, mas de todo o "povo messiânico".

E se houver alguém que vê atrás deste "potencial convocatório" das Igrejas uma reedição da polícia mixta e a reivindicação velada do poder espiritual e temporal pelos "padres" ou "pastores" e, por conseguinte defende organizações "autônomas" dos índios —provavelmente tem muitos argumentos históricos para afirmar isso, embora sua estratégia política, sendo profundamente "idealista", carece de racionalidade política. Nenhuma ideologia que tem a força de arti-

cular movimentos étnicos e sociais é verdadeiramente autônoma, no sentido de ser "propriedade intelectual" deste ou daquele grupo. Hastear a bandeira política da autotonomia de grupos numericamente pequenos, como é o caso dos povos indígenas no Brasil, só não é uma empresa suicida se ao mesmo tempo se articulam alianças estratégicas e táticas que limitam necessariamente esta "autonomia étnica". A aliança é o preço político a pagar pela sobrevivência.

#### Propostas

- Extirpar os quistos do colonialismo religioso, sem ferir mortalmente a carne da identidade histórico-eclesial;
- consertar no teto das Igrejas, em alto nível mundial, as goteiras do racismo, do paternalismo também nas suas variantes mais sofisticadas do populismo e vanguardismo;

- recriar o rosto eclesial sem mancha nem máscara de autoritarismo.
- radicalizar a inserção entre os pobres e a inculturação no meio dos outros por causa da sua libertação;

... eis aí alguns desafios e algumas propostas para uma nova Evangelização.

Esta nova Evangelização pode ser a conribuição de uma Igreja nova, com identidade própria, sem ser seita nem cópia de modelos forâneos. A Igreja latino-americana, que passa a sua latinidade pela peneira da indianidade, negritude e pobreza do seu povo, pode assumir esta nova Evangelização. Ela forjará, também além das suas fronteiras, uma Igreja ecumênica, pobre e missionária, irmã dos pobres, que vivem "desnecessários" e explorados na margem da sociedade, e companheira dos outros, dos nãoreconhecidos ou desconhecidos nos confins do mundo e no meio de nós.

#### NOTAS

(1) Cf. E. Cruz, Mercedários no Pará, Rev. de Cultura do Pará (Conselho Estadual de Cultura), 11/6 e 7 (jan./jun. 1972), pp. 97-104, Belém, Pará. (2) Cf. P. Duviols, La destrucción de las religiones andinas, Ed. UNAM, México 1977. (3) L'Osservatore Romano, XVIII/40 (4-10-1987), pág. 5. (4) Na "mística" do DUCE — novus dux de Babylone! e do TERCEIRO REICH há referências explícitas ao milenarismo de Joaquim de Fiore. (5) João Paulo II, Redemptor Hominis, n. 46. (6) Cit. em M. León-Portilla, Los Franciscanos vistos por el hombre náhuatl, Ed. UNAM, México 1985, pág. 38. (7) Documentos de Puebla, n. 7 e 8. (8) Cf. P. Suess, Liberdade e servidão. Missionários, juristas e teólogos espanhóis do século XVI frente à questão indígena, em REB 47/185

(março 1987), pág. 16-45. (9) B. de las Casas, Historia de las Indias, liv. Ili, cap. 4, Ed. Fondo de Cultura Económica (FCE), 3 vol., México 1981. (10) Cit. em S. Zavala, Las instituciones jurídicas en la conquista de América, Ed. Porrua n. 50, México 1971, pág. 58 s. (11) Conforme as Leis de Burgos, de 1512/13, por exemplo, os filhos dos caciques devem ser entregues "aos frades da ordem de São Francisco", e as bulas de Leão X, Alias felicis (1521), e de Adriano VI, Exponi nobis feciste (1522), privilegiavam sobretudo o trabalho franciscano em Mesoamérica. Mesmo depois do Concílio de Trento (1545-1563), outra bula Exponi nobis, de Pio V (1567), fortalece a autonomia dos religiosos con-

(Continua na 3.ª capa, ao lado)

#### CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL: CRB



#### NACIONAL

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro 1 de abril de 1988

Ninguém pode assobiar e chupar cana ao mesmo tempo. Isto porque não possuímos o dom de um deslocamento intemporal e simultâneo de nossa prática, de nosso agir. Temos sempre de, numa excludência dolorida, ou assobiar ou chupar cana. Nesta linguagem rude e concreta, vale a meta-significação, isto é, todos temos de escolher. A indefinição é sempre cheia de riscos e indicio grave de um momento ou, pior, de um estado agônico. Sempre que se hesita, ou prospera a crise, ou se descortina uma paisagem que acumula nuvens, ou se cria uma melancolia sem par, igual à recordação do paraíso perdido. Decidir(se) é o passo para se sair do impasse. Toda escolha, no entanto, custa um preço. E, nesta medida, toda escolha é amarga. Certamente, Você tem esta experiência vivencial que movimenta vários imponderáveis a um só tempo.

A Vida Religiosa se propõe ser a memória viva e inquietante do Evangelho. Ora, o Evangelho é a explicitação do Plano de Deus para seu Filho JESUS. Ninguém tão decidido, tão inflexível frente ao obstáculo, quanto Ele. Ser Religioso(a) é, exatamente, SEGUIR Jesus para continuar sua missão, embora a reflexão sobre a teoria e a prática do seguimento de Jesus instaure um clima de mistério, ou seja, aquela percepção da impossibilidade do homem frente àquilo que inevitavelmente experimenta em si como indizível apelo. Seguir, isto é, fazer, hoje, o que Jesus fez a 2.000 anos atrás, pois tudo o que se cumpriu nEle, por desígnio irrecorrível do Pai, rearticula-se, lentamente, de novo, ao longo dos séculos, tecendo a História da Salvação.

Neste emaranhado de acontecimentos, Você, Religioso(a), é figura de proa. Urge, portanto, mobilizar-se interiormente, habilitar-se, de forma diuturna, para viver este papel, com a mesma coragem e decisão de JESUS. Nesta tarefa, a Palavra de Deus é a chave. É a luz à frente dos olhos. A equação do amadurecimento da Vida Religiosa rumo a uma nova evangelização para o século XXI passa pelo grande poder germinativo da Palavra de Deus. Sem risco de erro, o destino do homem e, a fortiori, do(a) Religioso(a), é selado no acolhimento ou na rejeição da Palavra de Deus lida, ouvida, meditada, interiorizada e vivida. Ela é sacramental: faz o que diz, sem distorção conceitual ou semântica. Está estreitamente vinculada à vida e à práxis. Pela força do seu Espírito se pode aspirar vencer o espírito desta força enraizada na mentalidade da omissão, da passividade, da indiferença, do tanto-faz.

"Jesus disse-lhes, também, esta comparação: um homem havia plantado uma figueira na sua vinha e, indo buscar fruto, não o achou. Disse ao viticultor: há três anos que venho procurando fruto nesta figueira e não o acho. Corta-a. Por que ainda ocupar inutilmente o terreno?" Lc 13, 6-9.

Considere cada um o trágico se a árvore da própria vida, que poderia ter sido e não foi, for ceifada sem os frutos esperados! Ante o juízo de Deus: CORTAR e figueira estéril, se esboça no rosto e na atitude uma expressão de imobilidade, como um flagrante fotográfico, ou de perplexidade para a qual não se encontra nome certo e próprio. JESUS, então, é a única e a última chance que não falha. Nele podemos confiar sempre. Vem, Senhor, bom viticultor. Vê: minha figueira dá poucos frutos. Não me assustarei quando cavares ao redor sulcando a minha vida. Confiarei na tua bondade e na força vivificadora do teu amor. Senhor, não te esqueças, pelo batismo e pela fé, esta figueira é também tua. Tu a adquiriste por um preço grande. Tua morte me convence. Não te canses, Jesus. Teu amor vencerá.

Que a Palavra de Deus, nas curvas e nas retas da vida, inspire sempre a nossa resistência ao instintivo horror à responsabilidade de decidir(se); à preferência da natureza humana pelos bens presentes sobre os futuros; à tendência em substituir realidades por promessas e certezas por esperanças oblíquas.

Desejando-lhe toda paz e todo bem, com sempre renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

10000

MARCOS DE LIMA, SDB Redator-Responsável